



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



RAISSA CASTRO ROCHA

DA EXPERIÊNCIA DE TOTALIDADE À CRIATIVIDADE: AS ELABORAÇÕES DE
LOU ANDREAS-SALOMÉ SOBRE O NARCISISMO

JUIZ DE FORA

2024

RAISSA CASTRO ROCHA

DA EXPERIÊNCIA DE TOTALIDADE À CRIATIVIDADE: AS ELABORAÇÕES DE
LOU ANDREAS-SALOMÉ SOBRE O NARCISISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Siqueira Caropreso

JUIZ DE FORA

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rocha, Raissa.

Da experiência de totalidade à criatividade : As elaborações de Lou Andreas-Salomé sobre o narcisismo / Raissa Rocha. -- 2024. 81 f.

Orientadora: Fátima Caropreso

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2024.

1. Psicanálise. 2. Narcisismo. 3. Lou Andreas-Salomé. 4. Freud. 5. Libido. I. Caropreso, Fátima, orient. II. Título.

Raissa Castro Rocha

Da experiência de totalidade à criatividade: As elaborações de Lou Andreas-Salomé sobre o narcisismo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: História e filosofia da psicologia.

Aprovada em 19 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Anna Costa Pinto Ribeiro

Doutora em psicologia

Prof. Dr. Fábio Caprio Leite de Castro

Doutor em psicologia

Orientadora: Profª. Dra. Fátima Siqueira Caropreso

Doutora em filosofia

Agradecimentos

Por sorte, tenho muitas pessoas especiais em minha vida. Gostaria de iniciar os agradecimentos desta dissertação com os meus pais, Joubert e Sandra: ao meu pai, por ter me apresentado à pesquisa e incentivado minha curiosidade, à minha mãe, por ter me ensinado sobre autonomia e independência. À Tatá e Dudu, por estarem sempre presentes e cuidarem tão bem de mim. Aos meus irmãos, Benicio e Laura, por serem as melhores pessoas da minha vida.

Agradeço ao Renan pela escuta e diálogo, você é a constância e calma dos meus dias.

Agradeço aos meus avós e tias por me amarem incondicionalmente e incentivarem meu desejo de sempre querer mais.

Agradeço à professora Fátima pela orientação gentil e por me proporcionar uma visão mais atenta à psicanálise.

Agradeço também aos membros da banca. À Anna, por me apresentar uma transmissão da psicanálise que fez tanto sentido, e pela companhia acadêmica desde a graduação. Ao Fábio, pela riqueza de contribuições feitas desde a qualificação, e por ser um dos responsáveis pela tradução da obra de Lou no Brasil.

Agradeço à minha analista por me ajudar a suportar e elaborar meu próprio narcisismo nesse processo.

Agradeço aos meus amigos que escutaram pacientemente todas as minhas angústias, principalmente aos que estiveram neste percurso acadêmico comigo: Jéssica, João e Matheus. Agradeço, ainda, ao Oswaldo e à Sarah pela leitura tão atenta e carinhosa do meu trabalho.

Por fim, agradeço à Capes pela bolsa concedida, e à Universidade Federal de Juiz de Fora por demonstrar o valor da universidade pública, especialmente em um contexto social e político frequentemente desfavorável ao direito ao conhecimento e questionamento.

Eu certamente vou criar a minha própria vida segundo eu mesma, seja como for. [...] Mas veremos se a grande maioria dos “limites insuperáveis” que o mundo impõe vão se revelar meros traços de giz inofensivos! (Andreas-Salomé, 1882 *apud* Pechota, 2022).

RESUMO

Por muito tempo os pesquisadores do campo da psicanálise destacaram apenas as experiências biográficas de Lou Andreas-Salomé, deixando de lado seus textos teóricos. Andreas-Salomé formulou uma hipótese sobre o fenômeno narcísico que vai além da proposta freudiana, colocando a ação psíquica como o reservatório da potência humana criativa. A autora defende a existência de um narcisismo original, no qual não é possível distinguir entre as pulsões do eu e as sexuais. Esse estado narcísico consistiria em uma unificação primordial do psiquismo, concebido como o reservatório da criatividade. De acordo com essa teoria, a criação artística seria um modo de descarregar as pulsões primitivas sem adoecer. Ao acessar o sentimento de unidade primordial, a experiência de totalidade, o sujeito conseguiria dar vazão e realizar os desejos pulsionais na cultura. A presente dissertação tem como objetivo analisar a teoria de Andreas-Salomé sobre o narcisismo. Inicialmente, apresentamos algumas das principais características do conceito freudiano de narcisismo, o qual foi o ponto de partida do pensamento da autora sobre o fenômeno. Por fim, analisaremos as ideias apresentadas sobre o tema nos registros do diário de Andreas-Salomé, nas cartas trocadas entre ela e Freud, e também nos seguintes textos: *Anal e sexual*, *Psicossexualidade* e *Narcisismo como dupla direção*.

Palavras-chave: Teoria Psicanalítica. Narcisismo. Lou Andreas-Salomé. Freud. Libido

ABSTRACT

For a long time, researchers in the field of psychoanalysis focused solely on the biographical experiences of Lou Andreas-Salomé, neglecting her theoretical writings. Andreas-Salomé formulated a hypothesis about the narcissistic phenomenon that goes beyond the Freudian proposal, positioning psychic action as the reservoir of human creative potential. The author argues for the existence of an original narcissism in which it is not possible to distinguish between the ego instincts and the sexual instincts. This narcissistic state would involve a primordial unification of the psyche, conceived as the reservoir of creativity. According to this theory, artistic creation would be a way to discharge primitive instincts without falling ill. By accessing the sense of primordial unity, the experience of totality, the individual could express and fulfill instinctual desires in culture. The present dissertation aims to analyze Andreas-Salomé's theory on narcissism. Initially, we present some of the main characteristics of Freud's concept of narcissism, which served as the starting point for the author's thinking on the phenomenon. Finally, we will examine the ideas presented on the subject in Andreas-Salomé's diary entries, in the letters exchanged between her and Freud, and also in the following texts: *Anal and Sexual, Psychosexuality, and Narcissism as Dual Direction*.

Keywords: Psychoanalytic Theory. Narcissism. Lou Andreas-Salomé. Freud. Libido

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. O Conceito de Narcisismo na Obra Freudiana.....	13
2.1. Formulação preliminar do conceito de narcisismo no Caso Schreber (1911).....	15
2.2. Definição formal do conceito em Introdução ao narcisismo (1914).....	21
3. A Construção Teórica de Lou Andreas-Salomé.....	29
3.1. O encontro com Freud e a psicanálise.....	31
3.2. Erotismo e narcisismo em Anal e Sexual (1916).....	40
4. O Diálogo Entre Freud e Andreas-Salomé Durante 1915 e 1921.....	48
4.1. O narcisismo em Psicosexualidade (1917).....	51
4.2. Os desdobramentos teóricos de Andreas-Salomé até 1921.....	55
5. Narcisismo Como Dupla Direção.....	60
5.1. A unidade psíquica, o narcisismo originário e o Todo pulsional.....	60
5.2. Narcisismo e ética.....	67
5.3. Narcisismo e criação artística.....	69
6. Conclusão.....	74
Referências.....	77

1. Introdução

Embora seja uma figura já conhecida da psicanálise, o trabalho teórico de Lou Andreas-Salomé foi até então pouco explorado, a maior parte da literatura abordava sua biografia (Castro, 2021). Com as traduções recentes de *Narcisismo como dupla direção* (Andreas-Salomé, 1921/2021), bem como da coletânea *Sobre o tipo feminino e outros textos* (Andreas-Salomé, 2022), a obra psicanalítica de Andreas-Salomé começou a ser mais difundida no território brasileiro. No entanto, apesar dessas iniciativas, ainda há poucos estudos sobre suas contribuições para a psicanálise.

Andreas-Salomé já tinha 40 anos quando conheceu a psicanálise através do neurologista Poul Bjerre [1876-1964]. Antes disso, a autora já havia se estabelecido como uma ensaísta, reunindo publicações diversas, dentre os quais destacamos as seguintes: *Combate por Deus*¹; *Ruth e Jesus, o Judeu*²; *Figuras femininas em Ibsen*³; *De uma alma estrangeira*⁴; *Fenitchka e Uma longa dissipação*⁵; *Filhos dos homens* e *A humanidade da mulher*⁶; *Ma*⁷; *O país intermediário*⁸; e *O erotismo*⁹. Sua história é marcada por ser uma mulher entre homens, parte de seu destaque se deve ao seu relacionamento intelectual com figuras como Malwida von Meysenbug [1816-193], Friederich Nietzsche [1844-1900], Paul Rée [1849-1901] e Rainer Maria Rilke [1875-1926] (Astor, 2008). Entretanto, seu encontro com Freud, em particular, resultou em desenvolvimentos teóricos que nos permitem uma leitura transversal da teoria psicanalítica (Castro, 2021).

No fim de *Anal e sexual*, a autora comentou sobre seu encontro com a psicanálise: “[...] isso, para mim, não permaneceu um marco na forma de uma pedra fria, morta, mas transformou a minha vivência interna em uma árvore da qual colhi um fruto a fim de levá-lo para casa, para meu próprio jardim” (Andreas-Salomé, 1916/2022, p. 209). Portanto, é da união entre a obra freudiana e os ideais de Andreas-Salomé que nascem seus textos psicanalíticos. Leite (2022) comenta que Andreas-Salomé pode ser considerada a poetisa da psicanálise, ao passo que Pechota (2022) ressalta a dificuldade da leitura dos textos da autora devido ao uso de uma linguagem que subverte o simbólico. Ao explorar conceitos aparentemente não relacionados

¹ 1885. Este texto, especificamente, foi publicado com o pseudônimo de Henri Lou.

² 1895.

³ 1892.

⁴ 1896.

⁵ 1898.

⁶ 1899.

⁷ 1901.

⁸ 1902.

⁹ 1910

com a criatividade, como o narcisismo e o erotismo anal, a autora foi capaz de oferecer contribuições teóricas de grande relevância para esse campo.

Entre seus textos psicanalíticos, destacam-se: *Sobre o tipo feminino* (Andreas-Salomé, 1914/2022); *Anal e sexual* (Andreas-Salomé, 1916/2022); *Psicossexualidade* (Andreas-Salomé, 1917/2022); *Narcisismo como dupla direção* (Andreas-Salomé, 1921/2021); e *Carta aberta à Freud* (Andreas-Salomé, 1931/2001). Também encontramos dados relevantes para a compreensão das suas reflexões sobre a psicanálise em suas memórias, redigidas em 1933, assim como nas cartas trocadas com Freud, entre 1913 e 1936.

O interesse de Andreas-Salomé pelo narcisismo é nítido desde que ela começou a se dedicar aos estudos da psicanálise (Andreas-Salomé, 1964), mas é a partir da publicação do texto freudiano *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010b) que encontramos mais reflexões sobre o fenômeno narcísico. Nas cartas trocadas entre os autores, Andreas-Salomé teceu comentários sobre a potência do narcisismo e, a partir desse momento, começou a delinear suas contribuições teóricas. O que Andreas-Salomé (1964) nomeou como “verdadeiro narcisismo” em seu diário foi posteriormente desenvolvido em dois trabalhos teóricos, respectivamente: *Anal e sexual* e *Narcisismo como dupla direção*. Esse estado, anterior ao investimento objetal do narcisismo primário freudiano, corresponderia ao momento em que as pulsões sexuais e as do eu ainda não podem ser diferenciadas, no qual o sujeito se encontra em um estado de união com a natureza. Essa experiência de totalidade teria suas raízes na vida intrauterina, período em que o embrião está ligado fisicamente ao corpo da mãe, distante da sua compreensão de individualidade. O sentimento de unidade entre o sujeito e o mundo ganha diversas nomeações ao longo dos textos de Andreas-Salomé, tais como: verdadeiro narcisismo, unificação primordial, unidade psíquica e, finalmente, o Todo¹⁰. Bialer (2023) chama de Todo-místico (pulsional) essa relação com a natureza que Andreas-Salomé propõe. Como uma tentativa de articular a infância individual de cada ser humano e a vida primitiva coletiva da humanidade, a psicanalista relaciona o sentimento de dependência com a onipotência. Na experiência de dissolução, o bebê, que precisa de cuidados, está imerso na fantasia de pertencimento com todo o resto; ainda está distante da percepção de um mundo externo, da realidade. Descrita como uma *fusão de si no outro*, a experiência de totalidade representaria a raiz do psiquismo, a segurança que todos experienciam no ventre materno, e para qual inconscientemente desejam retornar.

¹⁰ Lou Andreas-Salomé (1964; 1975) chamou o fenômeno de “verdadeiro narcisismo” em seu diário de um ano estudando com Freud, e também em suas cartas trocadas com o autor. Os termos “unificação primordial” e “unidade psíquica” aparecem em *Anal e Sexual*, já o “Todo” surge apenas em *Carta aberta à Freud*.

A partir da sua própria relação de decepção com um Deus todo poderoso e uma grande influência da filosofia de Goethe (Pardo, 2009), Andreas-Salomé (1933/1985) experiencia uma “[...] sensação fundamental de intensa comunhão de destino com tudo o que existe; uma sensação inicialmente obscura, que cresceu e nunca mais deixou de impregnar-me” (p. 19). Essa ideia de uma comunhão entre o sujeito e o universo permanece durante toda obra de Andreas-Salomé, e, a partir de seu encontro com a psicanálise, ela vincula essa ideia ao narcisismo original, como uma vivência comum a todos os seres humanos. Cromberg (2023) argumenta que o conceito de narcisismo proposto pela autora transcende o eu, representando uma experiência de conexão energético-simbólica com o mundo, um investimento em si que equivale a um eu + outro + mundo. Essa vivência, que permanece como uma raiz no jardim do psiquismo, seria a fonte de criatividade humana.

Conforme ocorre o desenvolvimento orgânico e psíquico, o sujeito renuncia ao sentimento oceânico, ao passo que uma brecha no narcisismo se abre. Em *Anal e sexual*, Andreas-Salomé (1916/2022) relaciona o erotismo anal com essa quebra narcísica, visto que, nesta fase, ao controlar o impulso anal, acontece uma divisão psíquica dentro de si. Ao reconhecer o “eca” dos pais direcionado às fezes, a criança identifica a existência de um outro diferente de si mesma. Nesse ponto, acontece um movimento interno que Andreas-Salomé (1916/2022) chama de “verdadeiro recalçamento”: a cisão entre o eu e o outro que até então eram um só. Cromberg (2023) comenta que esse movimento representa uma renúncia pulsional, ao mesmo tempo que proporciona a origem de um novo prazer, a saber, o autoerotismo do controle dos esfíncteres. Essa dualidade provoca uma nova relação com o corpo, dando início a um conflito entre impulso e inibição, interno e externo, entre o ser e o dever.

Em *Narcisismo como dupla direção*, Andreas-Salomé (1921/2021) continua a trabalhar com essa perspectiva de unidade psíquica e a dualidade da libido entre o interno e o externo. A autora apresenta as duas direções do narcisismo, uma diz respeito à total identificação com o todo, enquanto a outra se refere à libido do eu, em concordância com Freud. Entretanto, a autora enfatiza como a vivência narcísica permanece durante toda a vida do sujeito, visto que os registros da experiência de totalidade nunca conseguem ser completamente recalçados. Nesse sentido, Andreas-Salomé aponta que a verdadeira ética é aquela na qual o indivíduo consegue unir criativamente os impulsos dos desejos inconscientes com a objetividade exigida pelas leis da cultura, em um movimento entre o interno e o externo. O artista, por outro lado, durante o seu processo de criação, consegue acessar o sentimento de unidade psíquica, o verdadeiro narcisismo, e, posteriormente, dar vazão a essas representações inconscientes.

Feitas essas considerações, nossa investigação tem como objetivo analisar as concepções de Lou Andreas-Salomé sobre o fenômeno narcísico. Uma vez que a autora elabora sua concepção de narcisismo em diálogo com a teoria freudiana, comentaremos algumas das hipóteses de Freud sobre o narcisismo no primeiro capítulo, intitulado *O conceito de narcisismo na obra freudiana*.

Em seguida, analisaremos as ideias sobre o tema do narcisismo discutidas nas correspondências entre Freud e Andreas-Salomé (1975), entre os anos de 1916 e 1921, assim como no diário da psicanalista do período em que ela frequentou as reuniões das quartas-feiras (Andreas-Salomé, 1964). Com base nessa análise, abordaremos as hipóteses apresentadas em *Anal e Sexual*, concluindo o nosso segundo capítulo, intitulado *A construção teórica de Lou Andreas-Salomé*.

Embora seja um texto pouco comentado na literatura psicanalítica, *Psicossexualidade* sintetiza as ideias discutidas nas cartas e no diário da autora. O exame das contribuições desse texto será feito em nosso terceiro capítulo, intitulado *O diálogo entre Freud e Andreas-Salomé durante 1915 e 1921*. Ainda neste capítulo, apresentaremos a discussão sobre o segundo dualismo pulsional freudiano, a qual impactou diretamente na obra de Andreas-Salomé, como foi apontado por Castro (2021) e Cromberg (2023).

Por fim, abordaremos o texto *Narcisismo como dupla direção*, com a finalidade de articular as contribuições da autora em relação ao narcisismo, à feminilidade, à ética e à experiência de totalidade. Essa articulação final será feita em nosso quarto capítulo, intitulado *Narcisismo como dupla direção*.

A seleção dos textos se justifica pela relevância das ideias apresentadas sobre a libido e sobre o impacto da fase anal na ruptura da unidade narcísica estabelecida na fase oral, a elaboração teórica entre o narcisismo e a experiência de totalidade e outros delineamentos da autora a respeito do narcisismo. Como metodologia, utilizamos a proposta de Simanke e Caropreso (2018) para a realização de uma pesquisa histórico-conceitual, que visa realizar uma análise conceitual interna das obras, como também a análise histórica do contexto em que os textos surgiram.

2. O Conceito de Narcisismo na Obra Freudiana

Como uma referência ao mito de Narciso¹¹ (Freud, 1914/2010b), o narcisismo é considerado o amor pela imagem de si mesmo. Desde o século XIX, os sexólogos já faziam alusão a esse mito para explicar um tipo de perversão sexual na qual o sujeito dedicava todo o seu amor a sua imagem (Roudinesco; Plon, 1998). O primeiro a descrever essa perversão foi o sexólogo britânico Havelock Ellis (1927), que, escreveu sobre o autoerotismo¹² em 1898, considerando a tendência em ser como Narciso [*Narcissus-like tendency*] uma forma extrema de excitação sexual sem estímulos externos. Para Ellis, a autoadmiração e satisfação em encontrar si mesmo como objeto é semelhante ao descrito na história de Narciso, fenômeno que seria mais presente nas mulheres na concepção do autor.

Em *The Conception of Narcissism*, Ellis (1927) conta que logo após a publicação de seu trabalho sobre o autoerotismo recebeu uma carta de Paul Näcke [1851-1913], psiquiatra e criminologista, com a proposta de chamar de “narcisismo” o fenômeno que ele havia apresentado como “tendência em ser como Narciso”. Um ano depois, em 1899, Näcke publicou um artigo sobre a produção bibliográfica existente a respeito da sexualidade¹³, e usou o termo *Narzissmus* para falar sobre um enamoramento por si mesmo (Boch, 1909). Devido às diferentes origens que se atribuíam ao termo narcisismo na época¹⁴, Ellis (1927) pontuou que Näcke apenas traduziu uma expressão que ele havia exposto inicialmente. Portanto, a descrição da condição é mérito do sexologista, enquanto a invenção do termo deve ser atribuída a ele e a Näcke.

Contudo, ao comentarem sobre a origem do conceito de narcisismo, Roudinesco e Plon (1998) apontam Alfred Binet [1857-1911], pedagogo e psicólogo francês, como o primeiro a

¹¹ A versão mais conhecida do mito é a exposta por Ovídio (43 a.C.–18 d.C.), no livro *Metamorfoses*. Nessa narrativa, Narciso era considerado a criatura mais bela do mundo e, por conta disso, diversas ninfas, inclusive Eco, se apaixonaram por ele. Após ter sido rejeitada por Narciso, Eco passou a viver nas florestas, sem comer até o momento de sua morte, sobrando, assim, apenas sua voz ecoando pela eternidade. Indignada com as reclamações das jovens desdenhadas por Narciso e as lamúrias de Eco, Nêmesis, a deusa da vingança, o puniu, impedindo-o de possuir o objeto amado. Ao se dirigir a um lago para matar a sede, Narciso resolveu olhar para o seu reflexo e se apaixonou por sua própria imagem. À margem do lago, Narciso definhou, sem reconhecer o seu reflexo, e sem dar-se conta de que estava amando a si mesmo (Ubinha; Cassorla, 2003).

¹² Foi Ellis quem cunhou o termo autoerotismo. Para o autor, o fenômeno representa uma excitação sexual que vem de dentro e independe de um objeto externo para surgir ou se satisfazer (Guimarães, 2012). Em seu livro *Auto-erotism: a study of spontaneous manifestation of the sexual impulse*, Ellis dividiu o autoerotismo em quatro grupos, sendo eles: 1. devaneios eróticos; 2. sonhos eróticos; 3. Masturbação; e, por fim, 4. a referência ao mito de Narciso (Guimarães, 2012).

¹³ *The sexual life of our time in its relations to modern civilization*.

¹⁴ O próprio Freud escreveu, em 1914, em *Introdução ao Narcisismo*, que o termo havia sido criado por Paul Näcke. No entanto, corrigiu essa informação em 1920, em uma nota de rodapé da penúltima reedição de *Três Ensaios Sobre a Sexualidade*, afirmando que o responsável pela origem do conceito seria Havelock Ellis (Freud, 1914/2016).

utilizar essa palavra para falar sobre uma patologia, o fetichismo. Segundo os autores, na obra *Le fétichisme dans l' amour*, publicada em 1888, há uma nota de rodapé na qual Binet (1891) não apenas pontua que existem sujeitos que possuem fetiche por si mesmos, como indica o mito de Narciso como um belo exemplo disso. Dessa forma, a origem da palavra pode ser atribuída à Näcke e Ellis, mas, a ligação entre o mito grego e as patologias da época já havia sido feita por Binet.

Na psicanálise freudiana, o narcisismo se estabeleceu como um fenômeno normal do desenvolvimento psíquico, não necessariamente vinculado a patologias. Como explicou Simanke (2009), Freud o concebeu como uma fase entre o autoerotismo e a escolha de objeto, a qual coloca em evidência uma nova ação psíquica. Esse movimento é o que permitiria o desenvolvimento do eu e, para além de sua relevância para a evolução da metapsicologia, também teve um papel significativo na formulação das teorias sobre as psicoses. De acordo com Strachey (1996), a primeira menção feita ao narcisismo no círculo psicanalítico aconteceu em 1909. O autor esclarece que, em 10 de novembro de 1909, em uma ata da reunião da Sociedade de Viena escrita por Ernest Jones, está presente a informação de que Freud usou o termo narcisismo para designar uma etapa intermediária entre o autoerotismo e o amor objetual. No entanto, apenas em 1910 Freud escreveu sobre o tema pela primeira vez. Na segunda reedição de *Três Ensaios Sobre a Sexualidade*¹⁵, Freud relacionou o objeto de desejo dos homossexuais ao narcisismo, ao apontar que, estes buscariam pessoas parecidas consigo mesmos para amá-los como a figura materna os amou (Simanke, 2009).

Em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*¹⁶ (Freud, 1910/2015) encontramos uma referência mais extensa ao narcisismo. Simanke (2009) comenta que é neste texto que pela primeira vez Freud coloca o autoerotismo e o narcisismo lado a lado, ao argumentar que os homossexuais retornam ao autoerotismo de forma que os seus objetos de amor são encontrados pela via do narcisismo. Contudo, ao menos neste momento, não fica evidenciada a diferença entre um conceito e o outro; do ponto de vista teórico, o narcisismo ainda teria que ser distinguido como uma fase, para que depois pudesse se estabelecer como um estado psíquico. Essa diferenciação foi introduzida a partir de 1911, em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*¹⁷, texto que ficou conhecido como “Caso Schreber” (Freud, 1911/2010a). Nele, Freud começou a considerar o narcisismo como um estado normal

¹⁵ O texto foi publicado originalmente em 1905 e, posteriormente, reeditado com notas acrescentadas em 1910, 1915, 1920 e 1924. Daqui em diante faremos referência a esta obra apenas como *Três Ensaios*.

¹⁶ Daqui em diante faremos referência a essa obra apenas como *Uma recordação de infância*.

¹⁷ Daqui em diante faremos referência a essa obra apenas como *Observações psicanalíticas*.

da evolução sexual, concebendo-o como uma fase intermediária do desenvolvimento psíquico, situada entre o autoerotismo e o amor objetal (Simanke, 2009). Em *Totem e Tabu*, Freud (1912/2020) retomou a mesma concepção apresentada no argumento do caso Schreber, acrescentando que através das especulações sobre a horda primitiva e da observação das crianças pequenas é possível inferir a existência de um processo narcísico mais primitivo: a onipotência dos pensamentos que se expressa tanto na ideia de magia, quanto na crença em um poder exacerbado sobre as coisas (Laplanche; Pontalis, 2016). No entanto, apenas em 1914 esse conceito ganhou um ensaio próprio, intitulado *Introdução ao Narcisismo*, o qual, como aponta Simanke (2009), consiste em um marco crucial no desenvolvimento da obra freudiana.

2.1. Formulação preliminar do conceito de narcisismo no Caso Schreber (1911)

Observações psicanalíticas buscou interpretar a história clínica do Dr. Daniel Paul Schreber¹⁸. Na terceira parte desse texto, Freud (1911/2010a) elaborou uma análise teórica sobre o mecanismo da paranoia, assim como introduziu hipóteses metapsicológicas importantes. Pela primeira vez, o narcisismo foi estabelecido como estágio distinto do autoerotismo e como uma fase normal do desenvolvimento psicosssexual. Nesse texto, Freud (1911/2010a) começou a desenvolver sua teoria sobre o movimento libidinal envolvendo o eu e os objetos, a qual conduziu à introdução dos conceitos de libido do eu e libido de objeto, em 1914. A explicação do mecanismo da paranoia de Schreber serviu para elucidar a fixação do doente no estágio narcísico e todo o movimento de repressão, o qual culminaria na formação dos sintomas.

Schreber adoeceu pela primeira vez em 1885, quando teve um “ataque de severa hipocondria”. Após seis meses de internação clínica, sendo tratado pelo Dr. Flechsig, apresentou certa melhora. Oito anos depois da primeira crise, num estado entre o sono e a vigília, Schreber pensou que deveria ser bom ser uma mulher durante o coito. Pouco tempo depois, precisou procurar novamente a clínica de Flechsig para tratar uma insônia. O quadro evoluiu rapidamente para ideias delirantes, as quais, após um determinado período, assumiram caráter religioso e místico (Freud, 1911/2010a). Schreber considerava ser o encarregado de devolver a beatitude ao mundo e, dessa forma, salvá-lo, mas isto somente seria realizado na condição que antes ele se transformasse em uma mulher. Portanto, não era um desejo do paciente tornar-se uma mulher, e sim um dever, conforme na nova Ordem do Mundo. Como

¹⁸ A formulação das observações de Freud se deu com base na análise do livro *Memórias de um doente dos nervos*, redigido pelo próprio Schreber (Schreber, 1903/2022).

Schreber acreditava ser o homem mais extraordinário que já viveu na Terra, ele tinha a certeza de que, ao se transformar, seria capaz de salvar a humanidade. Freud (1911/2010a) afirmou que a mudança de gênero seria o delírio primário de Schreber, visto que isto trouxe graves ideias de perseguição, e que apenas em um segundo momento a ligação com o papel do Redentor se estabeleceu. Assim, o delírio de grandeza religiosa haveria sido uma consequência da transformação de um delírio de perseguição sexual.¹⁹

A tentativa de interpretação com base no livro escrito por Schreber permitiu que Freud (1911/2010a) destrinchasse os mecanismos da paranoia e fizesse a primeira menção mais extensa ao narcisismo. Até 1911, podemos compreender que o narcisismo é o modo de escolha de objeto consequente de uma fixação na fase autoerótica (Simanke, 2009), somente nas páginas iniciais da sessão III de *Observações psicanalíticas* Freud conceberá a distinção entre estes dois conceitos. Para estabelecer o mecanismo patogênico da paranoia, o qual remete à homossexualidade, Freud (1911/2010a) recorreu à noção de narcisismo. Como vimos, até então o termo só havia sido usado em uma nota de rodapé de *Três ensaios*, e em *Uma recordação de infância* foi utilizado para argumentar sobre os homossexuais. Ao analisar o caso de Schreber, Freud explicitou que para se defender de uma fantasia de desejo homossexual, o sujeito cria um delírio persecutório e, assim, o objeto homossexual, que antes foi amado, transforma-se em perseguidor. Sobre a relação entre homossexualidade, paranoia e narcisismo, Freud comentou:

Pesquisas recentes chamaram a nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de *Narzissismus*; eu prefiro *Narzißmus*, talvez menos correto, porém mais curto e que soa melhor. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. Uma fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente; parece que muitas pessoas ficam nela retidas por um tempo insolitamente longo, e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. Nesse Eu-mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal (Freud, 1911/2010a, pp. 80-81).

Nessa passagem, ocorre a primeira distinção entre narcisismo e autoerotismo²⁰, visto que Freud deixa evidente que são fenômenos distintos e sucessíveis no desenvolvimento

¹⁹ Mais detalhes sobre o caso de Schreber podem ser encontrados em *Memórias de um doente dos nervos* (Schreber, 1903/2022), assim como na primeira e segunda parte de *Observações sobre um caso de paranoia* (Freud, 1911/2010a). Como o foco desta dissertação é a construção do conceito de narcisismo na obra freudiana, abordaremos apenas as partes do terceiro capítulo desse caso clínico que são essenciais para a compreensão dos mecanismos da paranoia.

²⁰ A partir de 1923, em *o Ego e o Id*, Freud modificou sua teoria, concebendo o autoerotismo como um modo de satisfação do narcisismo (Simanke, 2009).

psicossexual. O narcisismo começa, então, a ser caracterizado pela síntese das pulsões sexuais em uma unidade, enquanto o corpo, entendido como a primeira representação de totalidade, torna-se o primeiro objeto total de amor da criança. Além disso, ainda nessa passagem, Freud abandona a ideia estritamente psicopatológica do narcisismo, colocando-o como uma fase do desenvolvimento psíquico normal. O movimento seguinte a esse estado que toma a si mesmo como objeto de amor consistiria em transferir esse amor objetal para outra pessoa, e esse deslocamento se estenderia da escolha objetal homossexual até a heterossexual. Entretanto, as escolhas homossexuais jamais seriam abandonadas, apenas desviadas da meta sexual, por isso continuariam presentes nas amizades e no amor pelos seres humanos (Freud, 1911/2010a). Assim, toda escolha objetal poderia ser interpretada, de alguma forma, como uma escolha narcísica.

Ao trazer o conceito de “fixação”, apresentado pela primeira vez nos *Três Ensaios* (Simanke, 2009), Freud 1911/(2010a) comentou sobre a possibilidade de que certas pessoas não se desprendessem completamente do estágio narcísico. Eventualmente, ao se depararem com um grande fluxo de libido, essa energia psíquica poderia não encontrar escoamento e, assim, submeter os instintos sociais à sexualização. Consequentemente, as sublimações alcançadas durante o desenvolvimento também regrediriam. Especificamente sobre o mecanismo da paranoia, Freud afirmou:

Como vemos, em nossas análises, que os paranoicos buscam defender-se de tal sexualização de seus investimentos instintuais, somos obrigados a supor que o ponto fraco de seu desenvolvimento deve estar no trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade, que ali se acha a sua predisposição à doença [...] (Freud, 1911/2010a, p. 83).

De certa forma, nessa passagem Freud reafirmou a hipótese de que a libido retirada dos objetos precisa ser necessariamente investida em algum lugar, fazendo alusão ao princípio de conservação de energia (Simanke, 2009). Portanto, existiriam duas alternativas possíveis frente aos desejos homossexuais: aceitar essas pulsões, o que desencadearia a homossexualidade manifesta, ou se defender delas. Caso o sujeito não conseguisse sublimar ou reestabelecer a repressão diante desse desejo, acabaria sendo levado à criação de um delírio paranoico. Dessa maneira, o cerne da argumentação freudiana a respeito da paranoia consiste na defesa intensa frente a intensificação da libido homossexual. Sobre este ponto, Simanke (2009) comenta que a limitação da análise se explica, em parte, por conta da escassez de desenvolvimento conceitual a respeito do Complexo de Édipo, que só viria a ocorrer a partir de 1923.

A fim de discriminar as possibilidades de defesa na paranoia, Freud (1911/2010a) analisou quatro alternativas de rejeição do desejo, as quais foram explicadas a partir da seguinte

frase: “Eu (um homem) amo ele (um homem)” (p. 83). Com esse objetivo, Freud retomou o conceito de projeção²¹, o qual mantém uma relação intrínseca com a noção de narcisismo. Esse mecanismo é caracterizado por uma dinâmica na qual as ideias e desejos que foram do sujeito em algum momento são trocadas pela percepção externa. Na construção do delírio de perseguição, o sujeito substitui o verbo *amar* por *odiar*, e assim a sentença se transforma: “Eu não o amo – eu o odeio – *porque ele me persegue*” (Freud, 1911/2010a, pp. 83). Uma vez que o amor por outro homem não pode se tornar consciente, por meio da projeção o sentimento “Eu o odeio” se converte em “Ele *me odeia* (me persegue)”, o que justificaria o ódio sentido naquele instante. Nesse caso, conforme Laplanche e Pontalis (2016) comentam, o afeto de ódio sofre uma projeção, ao passo que a pulsão muda sua direção. A relação entre amor e ódio foi apresentada em 1911, mas seria desenvolvida como um dos destinos da pulsão apenas em 1915, no texto *As pulsões e seus destinos*²².

Outra possível defesa que culminaria em um estado paranoico é a *erotomania*, convicção delirante na qual o sujeito tem certeza de que uma outra pessoa está apaixonada por ele. A projeção também estaria presente nesse estado, mas negando o objeto da sentença original: “Eu não o amo – eu amo a ela” (Freud, 1911/2010a, p. 84). A mudança de objeto na projeção daria a certeza ao doente de que ele a ama, pois ela o amou primeiro. A modificação seria consequência da negação original, que teria como plano de fundo o desejo homossexual: “Eu não o amo”. Como terceira possibilidade de contradição, Freud (1911/2010a) cita o delírio de ciúme. Nesse ponto, o autor faz o primeiro comentário a respeito do narcisismo da mulher, antecipando uma construção teórica que seria ampliada em 1914, em *Introdução ao Narcisismo*. Devido ao narcisismo exacerbado e à homossexualidade, a mulher teria ciúmes de figuras relacionadas com sua fase de fixação, podendo ser pessoas mais velhas, semelhantes às suas babás ou criadas, irmãs e amigas que eram concorrentes diretas.

Após evidenciar que os tipos de delírio vão contradizer o sujeito, verbo e objeto, Freud comenta sobre a possibilidade de o enfermo renunciar à sentença como um todo, mostrando como consegue amar apenas a si mesmo:

“Eu não amo absolutamente nada, não amo ninguém”, e essa frase parece equivalente a seguinte, já que em algum lugar é preciso pôr a sua libido: “Eu amo apenas a mim”. Tal espécie de contradições nos

²¹ O conceito já havia sido apresentado em 1896, no terceiro capítulo de *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa*. Neste momento foi descrito como uma defesa primária, na qual o sujeito busca no exterior a origem do seu desprazer (Laplanche; Pontalis, 2016).

²² Em 1915, Freud (1915/2013) escreveu sobre a transformação de uma pulsão em seu oposto, na conversão do amor em ódio, como um dos possíveis destinos da pulsão. A relação entre amor e ódio, assim como suas transformações, foram explicadas nos textos metapsicológicos, complementando a ideia exposta inicialmente em 1911.

proporciona o delírio de grandeza, que podemos apreender como uma superstição sexual do próprio Eu e, assim, pôr ao lado da conhecida superestimação do objeto amoroso (Freud, 1911/2010a, pp. 86-87).

Nesta passagem, a ideia de amar a si mesmo está de acordo com a definição de narcisismo. Também é possível perceber esse mecanismo no discurso de Schreber quando, por exemplo, ele diz acreditar ser o homem mais extraordinário do planeta, o único capaz de devolver a beatitude ao mundo. A projeção atuaria, então, como uma compensação dos desinvestimentos dos objetos: visto que as ideias condenáveis viriam do exterior, a libido ficaria novamente livre para reinvestir o próprio eu. Como outros conceitos da teoria psicanalítica que não receberam um texto metapsicológico próprio, a projeção teria sua faceta patológica, como também estaria presente em outras condições normais da vida psíquica. O simples fato de buscar externamente explicações sobre sensações internas evidencia o mecanismo da projeção. Porém, como não havia material suficiente para o estudo, Freud (1911/2010a) decidiu trabalhar esse conceito juntamente com o mecanismo da formação paranoica em outro texto, mas este manuscrito nunca foi publicado.

Dando continuidade às suas investigações, Freud (1911/2010a) resolveu fazer uma distinção conceitual, propôs que a repressão ocorreria em três fases, uma vez que este processo está intrinsecamente ligado à história do desenvolvimento da libido. A fixação seria a primeira dessas fases, já que ela é a condição para a existência da repressão. Sendo uma predisposição para futuros distúrbios psíquicos, na ocorrência da fixação uma pulsão, ou parte dela, não se desenvolve normalmente, permanecendo em um estágio infantil. Em seguida, ocorreria a repressão propriamente dita, um processo mais ativo do que a fixação, que atua conscientemente sobre as manifestações primárias das pulsões. Ou seja, é um movimento que se opõe às expressões psíquicas das pulsões já fixadas. Por fim, Freud postulou a fase que viabiliza a análise dos fenômenos patológicos, conhecida como o retorno do reprimido. Nela a repressão falha, e ocorre um movimento libidinal brusco, no qual o sujeito regressa a um ponto de fixação de seu desenvolvimento libidinal. Caropreso e Simanke (2013) comentam que essa descrição da repressão proposta em 1911 seria muito próxima da definição formulada em 1915, na ocasião da publicação do artigo metapsicológico *A repressão*.

Após essa primeira elucidação Freud se questiona sobre qual mecanismo da repressão prevalece na paranoia. Nesta patologia, o autor estabelece o delírio do fim do mundo, presente do caso de Schreber, como um exemplo do mecanismo da repressão propriamente dita (Freud, 1911/2010a). O delírio mantinha o eu a todo custo, ao passo que sacrificava o resto do mundo. De acordo com o relato desse paciente, ele era o único ser humano que restava, a Terra acabaria

nos próximos 212 anos vítima de inúmeras catástrofes que só ele poderia evitar. Neste momento, Freud pontua que o delírio do fim do mundo era consequência do conflito entre Schreber e Dr. Flechsig, o qual se transformou, por sua vez, no conflito do paciente com Deus. Para explicar o movimento libidinal que resultaria na fantasia de catástrofe mundial, Freud antecipou o que mais tarde, em 1914, postulou como sendo uma das características do narcisismo:

O doente retirou das pessoas de seu ambiente e do mundo exterior o investimento libidinal que até então lhes dirigira; com isso, tudo para ele se tornou indiferente e sem relação [...]. O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo acabou, depois que ele retirou dele o seu amor (Freud, 1911/2010a, p. 93).

Esse movimento de desprendimento da libido direcionado para as pessoas e coisas amadas seria, então, equivalente ao da repressão. Enquanto o processo que desfaz a repressão, e redireciona a libido para os locais que ela abandonou seria, na paranoia, o mecanismo de projeção. O retorno dessa libido para fora do eu significaria projetar no mundo externo aquilo que o mundo interno não suporta, sobre o qual Laplanche e Pontalis (2016) comentam ser o modo de retorno do que estava recalcado no inconsciente. A partir disso, é possível pensar que a formação delirante seria uma tentativa de cura do psiquismo, uma maneira de fazer com que aquilo que foi interiormente suspenso retorne a partir de fora. Com base na ideia do desprendimento da libido do eu em direção aos objetos, e do regresso dela para o próprio eu, o que seria o movimento narcísico, Freud (1911/2010a) pontua que isto caracterizaria um movimento normal. A diferença em relação à paranoia consistiria no fato de que no processo libidinal do sujeito assim acometido, a libido que estaria no eu seria intensificada, ao ponto de retornar ao estágio narcísico em que o próprio eu seria o único objeto sexual. Sobre essa questão, Freud comentou: “Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranoicos trazem uma fixação no narcisismo, e dizemos que o recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo indica o montante da regressão característica da paranoia” (Freud, 1911/2010a, p. 96).

Entretanto, Freud também indicou a possibilidade de que o desprendimento da libido fosse parcial, um movimento muito mais comum do que o desprendimento geral, característico do delírio de grandeza. Retornando ao caso de Schreber, Freud sinalizou que, num primeiro momento, o desinvestimento da libido em relação a Flechsig teria sido parcial, resultando no delírio de perseguição. A libido que teria desprendido de Flechsig, e depois retornado a ele com sinal negativo, como marca da repressão realizada, seria uma dinâmica característica da paranoia. Posteriormente, o combate contra o reprimido ocorreria novamente, e o objeto do

conflito afetivo se tornaria o mais importante do mundo exterior. Uma batalha geral aconteceria no psiquismo: de um lado, estaria o objeto do mundo externo querendo atrair toda libido para si; do outro, a resistência à realização desse movimento. O resultado seria a vitória da repressão, a qual se manifestaria na convicção de que o mundo acabou e o eu foi o que restou. Essa argumentação possibilita que Freud (1911/2010a) diferencie a paranoia da *dementia praecox*²³, pois o paranoico não retira completamente seu interesse do mundo externo, o que ocorreria nas outras formas de psicose alucinatória. O movimento libidinal seria diferente, não só pelo fato de que na paranoia o ponto de fixação seria outro, mas também em razão do mecanismo de defesa que leva à formação dos sintomas, o qual consiste no retorno do reprimido. Assim, Freud entende o desfecho da paranoia como mais favorável em relação ao de outras afecções. Sobre o movimento libidinal dessas outras patologias, o autor comentou:

A regressão vai não apenas até o narcisismo, que se manifesta em delírio de grandeza, mas até o pleno abandono do amor objetal e retorno ao autoerotismo infantil. De modo que a fixação predisponente deve situar-se antes daquela da paranoia, deve estar no começo do desenvolvimento que vai do autoerotismo ao amor objetal (Freud, 1911/2010a, p. 101).

Sendo assim, o trabalho desenvolvido por Freud até aqui é de extrema relevância, tanto para pensar o adoecimento do estado narcísico, quanto a respeito do que acontece com esse funcionamento no início da vida psíquica.

2.2. Definição formal do conceito em Introdução ao Narcisismo (1914)

Introduzido a partir do texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914, o conceito de narcisismo trouxe mudanças que conduziram a uma reformulação da teoria freudiana anos depois, em 1920. No momento da publicação deste texto, Freud sustentava a existência da dualidade pulsional entre as pulsões do eu (ou de autoconservação) e as pulsões sexuais, sendo a energia das primeiras o interesse, e a das segundas, a libido. Visto como uma fase posterior ao autoerotismo no desenvolvimento sexual, o narcisismo foi concebido como um complemento libidinal das pulsões de autoconservação (Laplanche & Pontalis, 2016). Ademais,

²³ Freud (1911/2010a) apontou que o termo *dementia praecox* abarca sintomas paranoicos e catatônicos, portanto seria uma escolha equivocada. Ele também não parece concordar com a nomeação de esquizofrenia, visto que o significado da palavra (alma cindida) não seria correspondente ao movimento libidinal da patologia. Apesar de comentar que, no fim das contas, não é tão relevante como se nomeia um caso clínico, Freud considera essencial diferenciar a paranoia destes outros quadros, um vez que, a partir da teoria da libido, ela seria essencialmente diferente da *dementia praecox*. Apenas posteriormente, em 1914, essas patologias seriam consideradas neuroses narcísicas.

passou a caracterizar “[...] um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano” (Freud, 1914/2010b, p. 15).

Freud (1914/2010b) propôs a existência de um narcisismo primário como uma fase do desenvolvimento psíquico no qual toda energia psíquica estaria concentrada no eu. Embora fossem características comumente atribuídas aos parafrênicos, tanto a onipotência dos pensamentos, quanto a superestimação do poder de seus desejos, foram consideradas normais nesta fase. Por estar completamente direcionada ao eu, a libido não é capaz de reconhecer o mundo externo e os objetos que fazem parte dele. Assim, Freud (1914/2010b) considerou a existência de um investimento libidinal originário no eu, o qual apenas mais tarde seria direcionado aos objetos. Nessa etapa do desenvolvimento, portanto, o eu configuraria um grande reservatório de libido.

Freud (1914/2010b) considerou a existência de dois tipos de libido: a “libido do eu” e a “libido objetal”. A primeira faz referência ao investimento libidinal no próprio sujeito, enquanto a segunda diz respeito ao movimento da libido em direção aos objetos do mundo externo. Laplanche e Pontalis (2016) comentam que haveria um equilíbrio entre esses dois modos de investimento, visto que a libido objetal aumentaria quando a libido do eu diminuísse, e vice-versa. Introduzidas essas hipóteses, o narcisismo deixa de ser pensado exclusivamente como perversão, passando a ser entendido como fase natural do desenvolvimento psíquico. A libido que no momento inicial do narcisismo se encontraria inteiramente direcionada ao eu e, por isso, não diferenciada, começaria a se distinguir a partir do surgimento do interesse pelo mundo externo e pelos objetos que o constituem. Contudo, Freud (1914/2010b) considerava que a libido objetal era um desdobramento da libido do eu, de forma que toda escolha objetal faria referência, em alguma medida, a uma parte do mundo interno. A necessidade de pensar a construção desse mundo interno e os primeiros movimentos libidinais levaram Freud à revisar a diferença entre narcisismo e autoerotismo, a qual havia sido postulada previamente na análise do caso de Schreber, ainda que não suficientemente explorada. Considerando essa necessidade, Freud argumentou:

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (Freud, 1914/2010b, p. 19).

Simanke (2009) afirma que a ideia da inexistência primordial do eu já estava presente em *Projeto para uma psicologia científica*²⁴ (Freud, 1950[1895]/1996), dado que as primeiras experiências de satisfação ocorreriam segundo as leis do processo primário, ou seja, de forma alucinatória. Simanke também esclarece que a nova ação psíquica, a qual Freud diz ser necessário considerar, consistiria justamente na constituição do eu “oficial”. Uma vez constituído, o sujeito passaria a ter uma imagem unificada de si mesmo, de forma que a libido conseguiria tomar essa imagem como objeto total, e não mais parcial, tal como acontece durante o autoerotismo, o estágio inicial da libido.

Freud (1914/2010b), todavia, se questiona: “[...] por que é necessário separar uma libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do Eu?” (p. 18). No início de *Introdução ao narcisismo*, o autor incorporou a noção de libido do eu e libido de objeto como manifestações das pulsões sexuais, o que lhe permitiu manter a oposição entre as pulsões sexuais e as egóicas. O que a questão de Freud agora busca responder é o que distingue as pulsões do eu da libido do eu. Com esse objetivo, a discussão sobre a necessidade de diferenciar as pulsões sexuais e as do eu foi retomada, tomando como exemplo a separação popular entre amor e fome, conseqüentemente, libido e interesse. Freud recorre à biologia para argumentar sobre a dupla existência pulsional do sujeito, que visa, ao mesmo tempo, preservar a espécie e o próprio eu. Partindo da observação das neuroses de transferência, Freud indicou ser possível concluir que o conflito que o sujeito vive era similar ao de um elo de uma corrente. Como uma ligação inconsciente, as manifestações dos instintos de preservação do eu e da espécie não obedecem às vontades conscientes, e muitas vezes até buscam metas distintas. A respeito dessa concepção, Freud concluiu que

A distinção entre instintos sexuais e do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo. Em terceiro lugar é preciso não esquecer que todas as nossas concepções provisórias em psicologia devem ser, um dia, baseadas em alicerces orgânicos. Isso torna provável que sejam substâncias e processos químicos especiais que levem a efeito as operações da sexualidade e proporcionem a continuação da vida individual naquela da espécie. Tal probabilidade levamos em conta ao trocar as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais (Freud, 1914/2010b, p. 14).

Simanke (2009) considera que a resistência de Freud em renunciar a um dualismo pulsional, e assim admitir a existência de uma energia psíquica geral, se deve ao fato de esta ser uma hipótese defendida por Jung, com quem havia rompido há pouco tempo. Além disso, ainda de acordo com Simanke, a noção de dualidade pulsional seria a base para sua noção de

²⁴ Daqui em diante faremos referência a essa obra apenas como *Projeto*.

conflito psíquico. No verbete que versa sobre libido do eu e objeto, Laplanche e Pontalis (2016) argumentam que, em termos conceituais, as distinções entre as pulsões do eu e libido do eu são nítidas. Entretanto, em estados narcísicos como o sono e a doença, elas deixam de ser facilmente diferenciadas por apresentarem o mesmo destino. Os autores também apontam que a partir desse momento a primeira teoria das pulsões começou a apresentar suas fragilidades.

Freud (1914/2010b) apontou três fenômenos que permitem uma compreensão mais precisa do movimento narcísico: o desejo de dormir, o adoecimento físico e a hipocondria. Entre esses fenômenos, o adoecimento físico sobressairia como exemplo mais evidente do movimento da libido – que flui do eu para os objetos e vice-versa. Na presença da dor, o sujeito perde o interesse pelo mundo externo, retira a energia da libido investida e a redireciona para o eu. Na prática, a argumentação de Freud sobre a doença orgânica evidencia o que caracterizaria o movimento libidinal:

A banalidade desse fato não pode nos dissuadir de lhe dar uma tradução em termos da teoria da libido. Diríamos então que o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para fora depois de curar-se [...]. Libido e interesse do Eu têm aí o mesmo destino e são de novo inseparáveis (Freud, 1914/2010b, p. 17).

Nessa passagem, Freud retomou um argumento discutido anteriormente no caso Schreber, notadamente ao tratar da hipocondria. Assim como nas doenças orgânicas, o interesse pelo mundo exterior também é retirado na hipocondria, a diferença é a de que nesta última condição ocorre uma erogeneização do órgão afetado, mas sem que haja alterações reais. Todo o fascínio psíquico é direcionado para esse órgão específico, enquanto a libido retorna para o eu, em um movimento semelhante ao que ocorre nas parafrenias. Este movimento difere em relação ao que sucede com as neuroses de transferência, uma vez que nelas a libido permanece investida nos objetos da fantasia.

Em seguida, Freud (1914/2010b) colocou em discussão o que levaria a libido à transcender os limites do eu, do narcisismo primário, e se dirigir aos objetos para, logo depois, retornar ao eu. Por quais razões a libido que se encontra dentro do eu é experimentada com tanto desprazer e, conseqüentemente, é redirecionada para fora? Na concepção de Freud, o desprazer surge devido ao acúmulo de tensão, e essa qualidade psíquica é que seria percebida como desprazer. Assim, a libido seria temporariamente direcionada aos objetos para aliviar o desprazer, mas eventualmente retornaria ao eu devido ao movimento dinâmico da libido no Inconsciente. Esse deslocamento da libido para o eu, que antes havia sido investida nos objetos, é nomeado como “narcisismo secundário”. Conforme Laplanche e Pontalis (2016), essa dinâmica apareceria em patologias como a esquizofrenia, na qual o sujeito incorpora os

investimentos objetais como um movimento secundário, decorrente de um narcisismo primário obscurecido.

Então, para explicar a transposição da libido para além do eu, Freud (1914/2010b) retorna ao conceito de narcisismo primário e sua relação com a influência externa que conduz ao seu rompimento. A limitação dos impulsos narcísicos do que ele chamou de “sua majestade, o bebê” ocorreria tanto por parte dos cuidadores, quanto da cultura. Os pais projetam seu próprio narcisismo na criança, abrindo caminho para a ilusão de uma onipotência primordial, na qual a criança seria amada incondicionalmente como um filho ideal. No entanto, esse estado de totalidade não só é ilusório, como insustentável, já que se trata de uma criação da idealização parental. Neste sentido, quando a criança é confrontada com a realidade, percebendo não ser perfeita, surge a frustração e a privação do espaço idealizado. Esses movimentos inconscientes permanecerão presentes ao longo da vida do indivíduo, posto que foi a partir do olhar libidinoso dos pais que o sujeito foi constituído, e é com base nessa construção que suas escolhas amorosas serão feitas. Mais adiante, Freud teceu comentários sobre os desdobramentos desses movimentos na criação dos ideais.

Considerando essas elaborações, Freud (1914/2010b) apresentou a hipótese de que haveria duas formas de escolher²⁵ um objeto de amor: por meio do apoio e pela via narcísica. A primeira dessas escolhas corresponde a uma repetição do estado de cuidado que foi ofertado nos primeiros anos de vida, de maneira que o indivíduo buscará, de forma inconsciente, por pessoas que possam protegê-lo e ampará-lo. Simanke (2009) comenta que a noção de *apoio* já estava presente desde os *Três ensaios*, visto que no início de seu desenvolvimento as pulsões sexuais apoiavam-se sobre as pulsões do eu. Assim sendo, o conceito de apoio faz referência a essa escolha objetual feita segundo a referência mais primitiva de cuidado, do modelo básico do cumprimento das funções nutricionais. A segunda escolha, a qual Freud (1914/2010b) aponta como uma surpresa analítica, é a procura por si mesmo como objeto amoroso, sendo essa uma concepção já relacionada com o desejo homossexual, tanto em *Três Ensaio*s, quanto em *Uma recordação de infância*. Outras características dessa forma de amor objetual seriam: 1) amar o que o próprio sujeito foi; 2) o que gostaria de ser; ou 3) uma pessoa que foi parte dele mesmo.

Enquanto o movimento de investir a libido em objetos externos seria o processo natural do desenvolvimento psíquico, seu represamento em um narcisismo primário constituiria uma

²⁵ No verbete que versa sobre “Escolha objetual”, Laplanche e Pontalis (2016) esclarecem que o termo “escolha” não deve ser tomado como algo intelectual, e sim como descobrimento ou encontro do objeto (*Objektfindung*). A noção de escolha poderia evocar um caráter irreversível e determinante na eleição pelo sujeito, o que não seria coerente com o raciocínio não determinista da teoria freudiana.

forma grave de adoecimento, tal como a parafrenia. Freud ainda afirmou que, no fluxo libidinal, o investimento amoroso seria percebido como uma perda do eu, tornando impossível a satisfação amorosa plena: amar exige que uma grande parte da libido seja direcionada para o objeto desejado. A este respeito, Freud (1914/2010b) comenta que “[...] um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (p. 29).

Embora não aponte ser uma condição universal, Freud (1914/2010b) relaciona a escolha objetual de apoio aos homens, visto que estes exibem uma superestimação sexual semelhante ao narcisismo primário da criança. Por conta disso, a libido concentrada no eu e nas funções mais primitivas de autoconservação poderia ser mais facilmente transferida para o objeto sexual. Já em relação às mulheres, Freud comenta que com a puberdade e a maturação dos órgãos sexuais seria coerente pensar que o primeiro narcisismo reapareceria. O reconhecimento do corpo feminino, enquanto castrado pela cultura, despertaria esse registro libidinal no eu a fim de reavivar uma autossuficiência feminina, para proteger o eu, que teria o lugar de compensar as restrições de liberdade impostas pela cultura na escolha de objeto. Freud (1914/2010b) argumenta que as mulheres com essa característica têm necessidade de serem amadas e amam apenas a si mesmas, por isso exercem maior atração sobre os homens, devido à sua complexidade psicológica. Semelhante aos gatos e aos bebês, o fascínio que essas mulheres exercem também seria explicado pelo fato de elas manterem afastadas do seu eu tudo o que possa diminuí-las.

No verbete dedicado à psicanalista Andreas-Salomé, Roudinesco e Plon (1998) afirmam que foi pensando nela que Freud escreveu a respeito de características tão específicas sobre as mulheres. Em relação a esses aspectos do feminino e do narcisismo, Freud (1914/2010b) ainda comentou que as mulheres, ao darem à luz, poderiam ver uma parte de seu corpo como um objeto, e a partir disso alcançariam o pleno amor objetual. Entretanto, com o início do desenvolvimento da feminilidade hormonal, aquelas mulheres que se viram mais próximas de traços masculinos antes da puberdade acabariam buscando um ideal masculino, o qual representaria a natureza que um dia tiveram. Para Freud, esse movimento também refletiria um desenvolvimento do narcisismo secundário no que se refere ao amor objetual. Ademais, essa noção de ideal que algumas mulheres buscam destacaria outro conceito, o de *Ideal do Eu* (Freud, 1914/2010b).

A partir de suas observações, Freud (1914/2010b) chegou à conclusão de que os traços megalomaniacos do narcisismo primário desapareceriam à medida que o sujeito se desenvolvesse. Isto levanta a questão sobre o destino da libido do eu, uma vez que seria

contraditório pensar que ela haveria se dirigido integralmente para os investimentos de objetos. Freud formula, então, a hipótese de que uma parte dessa libido se dirige para o Ideal do Eu, o qual seria o substituto do narcisismo infantil.

Podemos dizer que uma erigiu um ideal dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação de ideal seria a condição para a repressão. A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do Ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 1914/2010b, p. 40).

Segundo Simanke (2009), nesse momento o conceito de superego começa a se expressar, embora seja estabelecido, de fato, em 1923, como o herdeiro do complexo de Édipo. No contexto do argumento proposto em *Introdução ao narcisismo*, esse conceito emerge como Ideal do Eu, sendo uma espécie de sucessor do narcisismo infantil. Freud (1914/2010b) argumentou que tanto a formação do Ideal do Eu, quanto a da consciência moral, teriam como base a influência crítica dos cuidadores, o que permitiria que o narcisismo abandonado durante o desenvolvimento fosse deslocado para o Eu ideal. Portanto, forma-se um conflito entre o Ideal do Eu, criado a partir de pressões externas e da noção de perfeição do que a criança deveria ter sido, e o Eu ideal, responsável por incorporar os ideais narcísicos.

Ao dar continuidade à sua argumentação, Freud (1914/2010b) considerou que a idealização é um processo que envolve o objeto e só pode ocorrer no âmbito da libido do eu e objetal. Desta forma, a formação do ideal surgiria como uma maneira de aumentar as exigências do eu e, portanto, favoreceria a repressão, estabelecendo-se como uma instância censuradora. A sublimação seria uma saída possível para esse cenário, a qual permitiria satisfazer a exigência pulsional sem causar a repressão. Uma vez que se trata de um destino que não está relacionado com a satisfação sexual, a sublimação poderia proporcionar uma descarga para a libido represada por meio da criação artística ou de atividades intelectuais.

Nesse sentido, a ideia apresentada por Freud (1914/2010b) até aqui seria a de que, para que ocorra o desenvolvimento do eu, é necessário o afastamento do narcisismo primário, seguido do deslocamento de uma parte da libido em direção ao Ideal do Eu. Ao passo que o eu empobrece com esse movimento, enriquece devido às satisfações relacionadas com os objetos,

já que assim encontraria, de alguma forma, a realização do ideal. A noção de amor-próprio estaria de acordo com essa hipótese, visto que seria uma expressão da grandeza do eu, resíduo do sentimento de onipotência infantil que a experiência confirmou. Freud (1914/2010b) ainda reconheceu que o amor-próprio estaria associado à libido narcísica²⁶. Dessa perspectiva, esse sentimento se encontraria aumentado nas parafrenias, mas diminuído no caso das neuroses de transferência. O processo de adoecimento, então, se confirmaria como um represamento libidinal.

Muito embora *Introdução ao narcisismo* seja um texto fundamental para o desenvolvimento da obra de Freud, o perfil de sua teoria começou a se modificar logo em seguida, especialmente com a introdução da segunda tópica (Simanke, 2009). As hipóteses freudianas sobre o narcisismo serão retomadas nos artigos de Andreas-Salomé, bem como na correspondência entre ela e Freud. Essas hipóteses são de extrema importância para compreender não apenas a relação entre os dois autores, mas também a produção teórica de Salomé, tema que abordaremos no capítulo a seguir.

²⁶ Outra nomeação para a libido do eu (Freud, 1914/2010b).

3. A Construção Teórica de Lou Andreas-Salomé

Louise Von Salomé nasceu em São Petersburgo, em 12 de fevereiro de 1861. Filha de um general alemão²⁷, única mulher em meio a 3 irmãos e criada no centro de uma família burguesa, reinou como uma criança mimada em sua infância (Astor, 2018). A lembrança mais predominante desse período registrada em sua autobiografia é a da existência de um Deus pessoal, o maior aliado do narcisismo de Andreas-Salomé (1985) na primeira infância, a quem ela contava tudo o que vivia. Sua onipotência desapareceu quando ela compreendeu que o tempo tem o poder de fazer os seres desvanecerem por completo e, ao questionar isso a Deus, não obteve resposta. Nas memórias que escreveu no fim de sua vida, a autora comentou que a morte desse Deus fundaria o seu princípio de realidade, mas que o Deus de sua infância correspondia ao seu princípio de prazer, nunca sendo associado a uma figura paterna autoritária e punitiva. Sobre isso, Dorian Astor (2018), filósofo germanista e especialista em Nietzsche, que redigiu uma biografia de Andreas-Salomé, comenta que a relação da psicanalista com Deus constitui uma relação primordial consigo mesma, sem qualquer relação de alteridade. A respeito dessa ação de *nascer psiquicamente*, Andreas-Salomé descreveu em sua autobiografia o movimento do rompimento narcísico e a ascensão de seu princípio de realidade:

Nossa primeira experiência, coisa notável, é a de um desaparecimento. Momentos antes, éramos um todo indivisível, todo Ser era inseparável de nós; e eis que fomos lançados ao nascimento, nos tornamos um pequeno fragmento desse Ser e precisamos cuidar, desde então, para não sofrer outras amputações e para nos afirmarmos em relação ao mundo exterior que se ergue a nossa frente numa amplidão crescente, e no qual, deixando nossa absoluta plenitude, caímos como num vazio – em que primeiro lugar nos despojou [...]. Em meu caso, acresceu-se ainda um outro motivo: uma questão estranhamente ligada a espelhos. Ao mirar-me neles, ficava de certa forma estupefata por ver tão claramente que eu era apenas o que via ali: limitada, enjaulada, forçada a deixar de ser no restante, até mesmo no mais próximo (Andreas-Salomé, 1985, p. 12).

Na adolescência ela conheceu a teologia e a filosofia, principalmente de Kant, Leibniz, Schopenhauer e Spinoza, através das aulas de Hendrik Gillot²⁸, o pastor menos ortodoxo de São

²⁷ Gutav von Salomé foi descrito por Andreas-Salomé como um soldado heroico, nomeado general graças aos seus méritos militares. No entanto, Pechota (2022) esclarece que tal informação é um mito e uma criação da imagem paterna criada pela psicanalista. O título de general foi dado ao seu pai por uma generosidade do Czar e sua posição, na realidade, era a de um oficial que mal atuaria como general.

²⁸ Andreas-Salomé (1968) dedicou todo o segundo capítulo de sua autobiografia à Gilliot, e definiu sua relação com ele como uma experiência do amor. Assim, ele se tornou um substituto mais jovem e real para seu Deus. Ela se desligou de Gilliot quando ele a pediu em casamento. De acordo com Pechota (2022), a vivência real roubou de Andreas-Salomé, mais uma vez, um “Deus”. Só a partir desse rompimento sentiu-se forte e madura para sair da Rússia.

Petersburgo. Seu anseio pela educação a levou, em 1880, para a Universidade de Zurique, uma das primeiras da Europa a admitir mulheres. Por conta de uma hemorragia pulmonar, abandonou os estudos em fevereiro de 1882 e mudou-se para Roma, onde conheceu Malwida von Meysenbug, Paul Rée e Nietzsche²⁹ (Astor, 2018).

A doença, que fora interpretada por Andreas-Salomé (1985) como uma reação psicossomática à experiência de rompimento com Gillot, permitiu o encontro com os filósofos que a consideraram à altura como pensadora. A amizade com Paul Reé durou até seu casamento com o orientalista Friedrich Carl Andreas. Já a amizade com Nietzsche não sobreviveu ao ciúme do filósofo, que não suportou a ideia de Andreas-Salomé trilhar o seu próprio caminho e viver um casamento platônico com Carl Andreas (Pechota, 2022). Astor (2018) comenta que o noivado de Lou e Carl Andreas foi uma surpresa, visto que ocorreu enquanto a psicanalista vivia com Paul Rée em Berlim. A vida dos intelectuais não era bem-vista pela sociedade, e Rée também não suportou viver um relacionamento estritamente intelectual.

O casamento de Andreas-Salomé com o orientalista aconteceu em junho de 1887, e foi marcado pela transmissão do pacto intelectual e casto que a autora havia vivido com Gillot, Reé e Nietzsche. As ideias de amor e casamento de Andreas-Salomé não andaram juntas, visto que para ela a decisão de se casar respondia a uma exigência ética e ontológica: a sexualidade seria o arranjo específico do corpo, enquanto o casamento representaria uma união ideal, e por isso não teriam nada em comum. Em *O Erotismo*, publicado em 1910, Andreas-Salomé (1910/2022) pontuou que seus pensamentos de fato ultrapassavam as fronteiras do que era permitido para as mulheres na época. Astor (2018) comenta que Andreas-Salomé só conseguiu dar contorno ao “ser mulher” em sua época através da ficção, uma vez que sua experiência de vida consistia mais em “ser” do que em “fazer”. A autora quase não se manifestou sobre o feminismo militante alemão³⁰, embora ao longo da vida tenha se dedicado à refletir sobre a introspecção e a realização espiritual das mulheres. Por essa razão, foi criticada por feministas da época, mas isto não a impediu de continuar escrevendo a partir de sua perspectiva sobre o que era “ser mulher”.

²⁹ A amizade dos intelectuais é um capítulo importante na história de Andreas-Salomé, notadamente devido ao projeto de Lou de viver com os amigos uma espécie de comunhão intelectual. Como este trabalho tem como foco a produção psicanalítica da autora, a história da “trindade intelectual” não será exposta, mas pode ser encontrada em *Minha vida* (Andreas-Salomé, 1968) e em *Lou Andreas Salomé* (Astor, 2018).

³⁰ Segundo Astor (2018), o feminismo alemão do século XIX foi um movimento heterogêneo nomeado como o “movimento das mulheres”. Ocorreu no embalo das atividades democráticas e nacionais, mas também foi amplamente vinculado aos movimentos confessionais. Em linhas gerais, a emancipação feminina era baseada em alguns pontos: “[...] a de dependência conjugal, o direito ao voto (obtido em 1918), o direito à educação (muitas líderes feministas alemãs, por volta de 1900, são professoras como Helene Lange ou Anita Augspurg), o direito à autodeterminação de seu corpo (aborto, prostituição, homossexualismo, maneira de se vestir), o direito à independência econômica e profissional” (Astor, 2018, p. 137).

Em 1897, Andreas-Salomé começou a receber uma série de poemas anônimos. Mais tarde, descobriu que os poemas eram do poeta René Maria Rilke, outra figura que a aproximou da essência do sofrimento humano e foi marcante ao longo da sua história (Astor, 2018). Os intelectuais viveram um romance até 1901, o qual teve fim devido ao fato de Andreas-Salomé (1985) não se sentir capaz de suportar a sobrecarga psíquica. Rilke, que inspirou o texto freudiano *Sobre a transitoriedade* (Leite, 2019), acentuou o interesse de Lou sobre a criação artística. Pechota (2022) comenta que através das cartas trocadas entre eles é possível perceber como a psicanalista encorajou o poeta a escrever para que ele pudesse se libertar de suas experiências dolorosas pela via artística. Foi através dos processos criativos de Rilke que Andreas-Salomé começou a perceber como a escrita poderia ser uma via para aliviar o sofrimento, o que tempos depois gerou frutos psicanalíticos.

De acordo com Pechota (2022), em *Cinco histórias da vida psíquica de meninas adolescentes*, datado de 1902, Andreas-Salomé apresentou sua face como analista sensível, mesmo antes de Freud. Ao revelar como era a adolescência de meninas russas a partir do ponto de vista psicológico, a autora trouxe à luz conflitos psíquicos femininos que eram ignorados na época. Andreas-Salomé (1964) justificou seu interesse por esse novo campo de pesquisa como uma oportunidade de analisar o impasse entre a singularidade da vida psíquica dos indivíduos e a influência da cultura no processo de desenvolvimento. Este foi um aspecto importante da primeira teoria pulsional freudiana, e também muito presente na própria vivência de Andreas-Salomé como uma mulher com tanta ambição intelectual em um ambiente cultural hostil a isso.

3.1. O encontro com Freud e a psicanálise

Andreas-Salomé conheceu a psicanálise em 1911, por meio do neurologista Poul Bjerre. Foram ao 3º Congresso Internacional de Psicanálise durante um verão sueco que passaram juntos, esse momento também marcou o início do fim da relação, já que Bjerre não só resistiu à teoria freudiana, como defendeu sua própria hipótese, a “psicossíntese”. A proposta de Bjerre, segundo a qual o inconsciente estava subordinado à consciência, o distanciou completamente de Andreas-Salomé, que desse momento em diante passou a defender firmemente as ideias de Freud (Astor, 2018).

A primeira carta de Andreas-Salomé para Freud foi enviada em 27 de setembro de 1912. A troca de correspondências entre os dois foi frequente até 1936, ano que marca o falecimento de Lou. Desde o contato inicial com Freud, a autora deixou evidente seu interesse pela psicanálise, o qual havia sido despertado durante o Congresso de Weimar. Nessa carta,

Andreas-Salomé manifestou seu desejo de passar um período em Viena dedicando-se exclusivamente aos estudos com Freud, o que a levou a solicitar sua participação nas reuniões das quartas-feiras. Em 1º de outubro de 1912 Freud lhe enviou uma carta em resposta, e nela se referiu à presença de Andreas-Salomé no Congresso de Weimar como um “augúrio favorável” (Freud, 1975, p. 17).

A primeira reunião que Andreas-Salomé participou ocorreu no dia 12 de outubro de 1912. Sobre essa ocasião, Lichtenberg (1976) comenta que a presença de Lou exerceu um efeito catalizador sobre todas as pessoas que estavam presentes. Em seu diário de um ano sobre Freud e a psicanálise, Andreas-Salomé (1964) registrou o início da sua participação como tendo ocorrido no dia 26 de outubro de 1912, nele ela diz que foi acompanhada por Ellen Delp, uma jovem amiga que havia conhecido em Berlim. Durante a reunião, um dos temas debatidos foi a obra de Alfred Adler [1870-1937]³¹. Em uma carta enviada para Freud em 03 de novembro de 1912, Andreas-Salomé mencionou ter sido convidada por Adler para participar de suas reuniões, às quintas-feiras. A resposta de Freud chegou no dia seguinte, 04 de novembro, deixando claro que ele não incentivava mais a relação entre os dois grupos, dado o rompimento teórico entre eles. Por essa razão, Freud pediu a Lou que, caso ela comparecesse em ambas as reuniões, não divulgasse o conteúdo discutido nelas em outros ambientes. Embora Andreas-Salomé não tenha consultado Freud sobre sua possível participação nas reuniões de Adler, e sim apenas mencionado o convite recebido, ele aproveitou a ocasião para expressar sua rivalidade com Adler, destacando as diferentes direções que as teorias estavam tomando (Freud, 1975).

Um dos incômodos registrados por Andreas-Salomé (1964) em seu diário dizia respeito à visão da libido de Adler e Jung, a qual ela considerava como “sínteses prematuras e, portanto, bastante estéreis” (p. 43), com destaque para o monismo teórico de Jung e a teoria puramente ambiental de Adler. Partindo dessas reflexões, em uma carta enviada para Freud no dia 9 de novembro de 1912 a autora construiu um raciocínio que era consoante ao pensamento que Freud estava desenvolvendo:

³¹ Médico vienense que foi discípulo de Freud até 1911. A ruptura aconteceu devido ao fato de Adler não concordar com os conceitos de libido e recalque, além de usar a diferença entre os gêneros feminino e masculino de maneira estritamente social. Adler edificou uma psicologia do eu, da relação social, da adaptação e sem o inconsciente (Roudinesco; Plon, 1998). Antes da carta enviada para Freud, Andreas-Salomé (1964) registrou em seu diário que encontrou Adler no dia 28 de outubro deste mesmo ano, e que uma das primeiras observações feitas foi a respeito de como ele falava das controvérsias com a teoria freudiana de maneira muito pessoal. Lou acompanhou as reuniões realizadas por Adler às quintas-feiras, mas logo apresentou discordâncias em relação ao seu foco teórico nos processos conscientes, passando a se dedicar somente à psicanálise freudiana. Astor (2018) complementa o registro sobre o desentendimento entre Adler e Andreas-Salomé ao dizer que, na opinião dela, Adler não compreendia a filosofia nietzschiana e confundia determinismos psíquicos e biológicos, algo que a irritou.

Nas verdadeiras psicoses, a “neurose do Eu” só pode ser entendida como vitória relativa do Eu sobre a sexualidade; na paranoia o Eu ainda mantém uma relação, mesmo que seja uma relação de ódio e medo do ódio com o mundo exterior [...]. A atividade sexual, quando ainda ocorre, tem de ser então confinada ao próprio ser, embora essa regressão às formas autoeróticas infantis signifique quase o oposto do que querem dizer na criança. Pois, uma coisa ainda não é ter entrado na posse de si mesmo como sujeito e outra bem diferente é ter sido posteriormente privado do seu objeto e, com isso, de todos os limites diferenciadores (Andreas-Salomé, 1975, pp. 21-22).

Pode-se perceber que a autora fez uma síntese das ideias sobre a paranoia que haviam sido expostas no caso Schreber. Ademais, essa passagem demonstra o interesse de Andreas-Salomé pelo movimento da libido e, conseqüentemente, pelo tema do narcisismo.

Em seu diário, fonte rica em comentários mais pessoais de Andreas-Salomé (1964) sobre sua visão a respeito da psicanálise, no dia 27 de novembro de 1912 a autora registrou uma discussão sobre narcisismo e metodologia que ocorreu na reunião de quarta-feira, referente a esta mesma data. Nesse registro teceu apontamentos interessantes sobre a palestra de Victor Tausk [1879-1919] a respeito da inibição dos artistas, um neurologista e psicanalista que se tornou seu amante logo depois. Segundo Andreas-Salomé (1964), a discussão de Tausk a fez refletir sobre a criatividade narcísica, chegou à conclusão de que as neuroses dos artistas são de menor magnitude do que as das pessoas não criativas. A diferença estaria justamente no aproveitamento narcísico, visto que, na compreensão de Lou, toda possibilidade de renovação da vida, inclusive na neurose, nasceria a partir do narcisismo. Ainda nesse mesmo registro de seu diário, a autora trouxe uma pontuação feita por Freud durante a reunião, segundo a qual todas as terapias teriam um limite ao chegar ao estado narcísico. Andreas-Salomé (1964) assinala que Freud foi enfático ao dizer que uma análise precisa tentar chegar a esse ponto, mesmo que uma posição tão profunda só possa ser movida a partir de uma descarga libidinal.

O diário de Andreas-Salomé possui anotações a respeito das reuniões e impressões sobre textos e registros de suas visitas à Freud. O registro do encontro do dia 02 de fevereiro de 1913 foi intitulado por Andreas-Salomé (1964) como “Uma visita a Freud: o gato narcisista – a psicanálise como um presente”. A autora relatou suas impressões sobre o fenômeno narcísico e observações acerca de sua relação com a psicanálise. Nesse breve relato, Andreas-Salomé (1964) narrou o vínculo de Freud com um gato que apareceu em seu consultório e o despertou sentimentos ambíguos: ao não bagunçar e, inclusive, ronronar para seus objetos arqueológicos, o animal conquistou um pouco de leite e o afeiçoamento de Freud. Porém, a indiferença diante da presença de Freud, somado ao interesse simultâneo que o gato demonstrava no que ele tinha a oferecer, deixou o psicanalista fascinado. O movimento do gato, então, foi descrito como o

encantador e tranquilo, charme do verdadeiro egoísmo. Apesar de comentadores como Pereira (2016) e Roudinesco e Plon (1998) indicarem a semelhança entre o gato e a relação de Andreas-Salomé com a psicanálise, Armstrong (2020) sinaliza que o próprio Freud nunca deixou essa questão clara. Apesar disso, o encontro segue sendo relevante. Como Andreas-Salomé assinala, nesse caso de Freud ocorreu uma dança de narcisismos, tanto pelo narcisismo autossuficiente do instinto animal, como pela leitura libidinal de um outro por meio das necessidades e dos componentes do eu investidos nele mesmo.

Logo após contar essa história, Freud questionou Andreas-Salomé (1964) sobre o motivo de seu envolvimento tão intenso com a psicanálise. Conforme o registro da autora, Freud chegou a comentar sorrindo que a psicanálise parecia representar um presente de Natal para ela entregue por ele. Sobre essa questão, Andreas-Salomé comentou:

Só pude concordar, pois para mim não se tratava de resolver conflitos entre a profundidade e a superfície. E é bem possível que nem a alegria nem a angústia nos impressionem tão vividamente como quando passam do inconsciente para a experiência, assim como a felicidade, uma vez desfrutada, pode ser horrivelmente transformada em dor no decorrer da noite, também é provável que a memória de horas de crucificação pode ser transformada em uma vida além, uma ressurreição brilhando com as estrelas. Na nossa vida emocional, é verdade que o céu e o inferno – em outros aspectos apenas fictícios – são preservados para nós no inconsciente como nossa realidade eterna (Andreas-Salomé, 1964, p. 90).

A reunião de quarta-feira sobre o narcisismo aconteceu no dia 5 de março de 1913, mas as anotações de Andreas-Salomé (1964) já demonstram o envolvimento prévio da autora com o tema. A descrição do conceito feita nesta reunião consistiu no traço de um fenômeno não completamente explorado, e por conta disso a recomendação freudiana era a de que este não fosse usado como ferramenta para explicar os casos que permanecem desconhecidos, visto que ainda se sabia pouco sobre ele. Ainda de acordo com os registros de Andreas-Salomé, Freud haveria afirmado que o narcisismo só poderia ser considerado uma patologia caso inibisse o desenvolvimento. Essa ideia foi melhor explorada apenas em *Introdução ao narcisismo*, em 1914, mas já nesse momento Freud argumentou que o processo do artista era diferente. Segundo ele, o artista possuiria um traço narcísico, mas sem sofrer desse represamento libidinal patológico, já que faria uso da onipotência dos pensamentos somente como uma potência criativa. Desse modo, aquele que produz seu trabalho a partir dessa regressão libidinal poderia ser transformado pela sua arte, e esta acabaria se tornando sua maneira de amar.

Ainda em seus registros sobre a reunião do dia 5 de março, Andreas-Salomé (1964) documentou que Victor Tausk indicou que esse era o caso no qual o sujeito não seria capaz de

amar verdadeiramente. Freud complementou a hipótese ao dizer que essa ação é semelhante à maneira como uma mulher ama: os objetos serviriam apenas para fundir o mundo consigo mesmo, o que resultaria em um sujeito insatisfeito, sedento pela retribuição do amor e amargurado sem ele. Em seu diário, Andreas-Salomé (1964) escreveu que, em sua opinião, não existiria amor sem narcisismo e o defeito erótico do narcisista era justamente o de que a explosão de seu amor-próprio lhe basta, mas que seria através do contato com o mundo que ele expressaria o seu afeto. A gratidão em relação ao parceiro não seria o resultado de uma relação recíproca, e sim devido ao fato de que o parceiro ensinou a esse indivíduo como o amor era capaz transcender os limites do eu. Assim, o amor egoísta e “altruísta” se encontrariam unidos na pessoa narcisista.

Segundo Armstrong (2020), Lou encontrava mais liberdade para discordar de Freud em seu diário, ao contrário das correspondências. No dia 5 de março de 1913, em seus registros pessoais, Andreas-Salomé (1964) escreveu acreditar que parte da maneira como o narcisismo foi caracterizado resultava da confusão entre o conceito e seu oposto. Ela desconsiderava a noção de narcisismo que concebia o eu como sendo o objeto mais desejável de todos. Para a autora, o narcisismo é sempre criativo e acompanha o sujeito em suas experiências mais profundas, mesmo que não chegue à consciência em sua forma original. Já neste momento existiriam duas direções narcísicas: a da potência criativa, referente a um estado muito primitivo, e a do investimento de toda libido no eu.

Seguindo essa linha de raciocínio, em seus comentários sobre a reunião do dia 5 de março, Andreas-Salomé (1964) pontuou que o narcisismo, entendido como potência criativa, não era um estágio a ser superado. Mais que isso: “[...] mesmo que definido dessa maneira, ele é em certa medida idêntico ao inconsciente em si (não ao sistema Ics reprimido), pois está por trás de sua última linha humana claramente demarcada” (Andreas-Salomé, 1964, p. 110). Ao terminar suas conclusões sobre o narcisismo até aquele momento, Andreas-Salomé retomou o mito de Narciso.

Finalmente, aparece um terceiro e belo narcisismo: ao lado de Narciso, que olha apaixonado para sua imagem refletida (infelizmente, diz a lenda, se ele estiver sob um encanto neurótico), e ao lado do segundo narcisismo que não se encaixa no nome, porque aqui Narciso não é refletido, mas se torna – dá à luz a si mesmo – e na linguagem simbólica da psicanálise, na verdade, não vem “da água”, senão apenas como mera imagem, está Narciso, o descobridor de si mesmo, o conhecedor de si (Andreas-Salomé, 1964, p. 111).

Astor (2018) e Pechota (2022) comentam sobre como o interesse de Andreas-Salomé pelo narcisismo e a criação artística tem relação com seu envolvimento com Rilke,

principalmente pelo retorno criativo ao narcisismo primário que ela encontra na poesia do amigo. Durante os estudos com Freud em Viena, que duraram até abril de 1913, ela relacionou o poema³² de Rilke sobre o narcisismo à forma como ela pensava a capacidade do artista de se aprofundar nas camadas mais inconscientes de seu psiquismo. Essa mesma obra é mencionada em seu artigo de 1921, *Narcisismo como dupla direção*, no qual apresentou sua nova interpretação do mito. Ender (2004) complementa o comentário feito por Astor e Pechota ao argumentar que, assim como alguns autores entendem que Andreas-Salomé foi o estudo de caso de Freud sobre o narcisismo, ela, discretamente, usou Rilke em sua própria investigação sobre o complexo de Narciso.

A última anotação sobre o narcisismo em seu diário psicanalítico aconteceu no final de agosto de 1913. Andreas-Salomé (1964) trabalhava o conceito com Tausk e, mais uma vez, foi enfática quanto a sua posição teórica: não conceber o narcisismo apenas como um estágio de desenvolvimento da libido que precisa ser superado, e sim como uma companhia sempre renovada ao longo da vida. A autora afirmou que o eu e a libido interagem com um propósito criativo no narcisismo, o qual ela nomeou como “processo transpessoal”, essa interação faria com que esse processo não pudesse ser analisado por meio de uma lógica empirista. Nesse momento, Andreas-Salomé fez questão de salientar que não aderiria completamente à ideia de movimento libidinal proposta por Freud e Tausk: muito embora o conceito de movimento da libido do eu em direção aos objetos, assim como seu retorno ao eu, pudessem explicar a criação artística, para a autora essa concepção ainda considerava o narcisismo apenas como um estágio do desenvolvimento, no qual o indivíduo já encontrou um objeto e retornou a si mesmo. Uma vez que para Andreas-Salomé o narcisismo estava por trás de todas as experiências profundas na vida do sujeito, ele persistiria como o registro inconsciente de uma “identificação com tudo que existe, esquecendo-se de si mesmo, resultando em uma renovação do ego em contraste com a atitude contemplativa e egoísta” (Andreas-Salomé, 1964, p. 175). Essa ideia, apresentada em 1913, já se diferencia um pouco da proposta freudiana, sendo essencial para compreender a conceitualização do narcisismo formulada pela autora em 1921.

Com a publicação de *Introdução ao narcisismo*, Andreas-Salomé ficou ainda mais encantada com o efeito do narcisismo. A carta para Freud mais elucidativa sobre suas impressões a respeito do conceito foi escrita em 10 de janeiro de 1915, e desde os primeiros

³² “[...] E mesmo no sono: nada nos liga o suficiente. / Centro flexível em mim, núcleo cheio de falhas, / Que não detém sua polpa. Evasão, voo/ de todas as partes da minha superfície/ Agora fica em aberto na falta de resposta/ água dispersa, e eu posso por muito tempo/ olhá-la maravilhado sob minha coroa de rosas./ Lá não é amado. Lá embaixo/ nada mais é do que a indiferença de pedras apressadas, e eu posso ver como estou triste” (Rilke, 1913 *apud* Andreas-Salomé, 2021, p. 58).

parágrafos ela enfatizou a importância de separar duas versões do narcisismo. A primeira caracterizaria uma etapa do desenvolvimento na qual o eu escolhe a si mesmo como objeto e, como resultado, prioriza a si mesmo acima de outros objetos. Esta seria a perfeita personificação da autoadoração. Já a segunda possibilidade, que para a autora ilustrava o verdadeiro narcisismo, consistiria em um movimento anterior em relação à diferenciação entre as pulsões do eu e as sexuais. Essa dinâmica representa uma ação tão primitiva que simbolizaria a mais profunda ingenuidade, e é esta última versão do narcisismo que a psicanalista relaciona com o movimento do artista. Já nesse momento Lou afirmava que durante a criação o sujeito fica alheio a si mesmo, inclusive de sua natureza mais íntima e infantil, quase que como uma despersonalização. Apenas depois desse contato com o narcisismo original, anterior à diferenciação das pulsões, é que o sujeito dirigiria a libido ao eu. Logo, toda a vaidade do artista seria explicada por esse segundo momento, enquanto a criação estaria mais relacionada com a potência criativa do momento de dissolução entre o eu e o mundo externo (Andreas-Salomé, 1975). Sobre isso, a autora concluiu dizendo:

É claro que estas duas são condições do ego, da pessoa, mas apenas como se fosse para o espectador. Para a pessoa em questão, apenas no segundo caso o ego é o objeto da libido. No primeiro caso, seria igualmente verdadeiro dizer que as fronteiras do ego foram totalmente eliminadas, proporcionando desse modo uma fuga da sua subjetividade e da oposição do ego e do mundo exterior, como dizer que o ego, ao contrário relaciona todos os traços desejáveis apenas consigo mesmo (Andreas-Salomé, 1975, p. 39).

A respeito dessa passagem, Armstrong (2020) comenta há um outro narcisismo em ação, o da perda de si mesmo, cujo momento mais alto é o da potência criativa. Esse movimento seria uma derivação do que Andreas-Salomé nomeou como “narcisismo ingênuo”, o qual ocorre quando as fronteiras entre o eu e o mundo se unem. Criar caracterizaria a sublimação desse estado anterior de fusão, e, desta maneira, o narcisismo seria uma estética e, ao mesmo tempo, uma maneira de se conhecer e descobrir suas potencialidades.

Nesse ponto, Andreas-Salomé deixou claro que esse primeiro tipo narcísico não poderia ser observado empiricamente, e assim estava de acordo com Freud sobre a dificuldade de estudar o fenômeno, visto que só é possível percebê-lo no desenvolvimento posterior da libido. Entretanto, na mesma carta encaminhada em 10 de janeiro de 1915, a autora argumentou que, em sua opinião, seria o conceito de narcisismo o elemento que diferenciaria o inconsciente freudiano da versão apresentada por Adler e Jung e seus postulados sobre ficção e simbólico, respectivamente. Ainda ao comentar sobre *Introdução ao narcisismo*, Andreas-Salomé propôs que o direcionamento da libido ao eu, o qual ocorre no adoecimento hipocondríaco e na doença

orgânica, ilustra a relação narcísica normal do sujeito com o seu corpo. Nesses casos, aconteceria uma conscientização do corpo como um objeto, algo que não é completamente idêntico a si mesmo e está fora de si, visto que a parte dolorosa é sentida com estranheza, e o sujeito se separa dela de forma hostil. Esse movimento seria a representação da libido sob a forma de ressentimento, e deveria ser chamado de narcisismo. As circunstâncias mais internas dessa dinâmica, todavia, seriam essencialmente diferentes. Como o sujeito sentiria parte dele como um objeto independente e capaz de prejudicar o eu, isto seria contraditório com o prazer narcisista de estar em harmonia com o próprio corpo (Andreas-Salomé, 1975).

Considerando essa perspectiva acerca do corpo e da libido, na carta de 10 de novembro de 1915 Andreas-Salomé ainda retomou as discussões sobre as pulsões, registrando a percepção de que os impulsos sexuais têm uma relação intrínseca com as pulsões do eu. Assim sendo, a autora defende que o sujeito não busca apenas descarregar a libido e eliminar o desconforto, e sim que este sempre procura um jogo de tensão sexual dentro de si mesmo. Em outras palavras, o desejo da pulsão do eu não consistiria simplesmente na satisfação de uma necessidade física, tal como saciar a sede, envolveria buscar a própria demanda no corpo, a fim de obter o alívio físico da tensão assim que ela fosse satisfeita. Contudo, mesmo após ter alcançado a satisfação, uma insatisfação permanece, já que a tensão foi perdida (Andreas-Salomé, 1975). Neste sentido, a doença teria o mesmo propósito, e o teor sexual também estaria presente nas pulsões do eu. Armstrong (2020) comenta que esse argumento complica o pensamento binário de Freud, por meio do qual se sustenta a oposição entre desejo e fome, libido do eu e de objeto. Com essa hipótese, a psicanalista coloca o corpo como o grande conhecedor de todas as possibilidades do narcisismo:

Se ele [corpo] é carregado de libido além deste ponto (supererotizado), ele reage com uma tensão de desprazer, e livra-se do excesso desta libido, ou seja, comporta-se como algo não mais idêntico a nós, e inicia uma relação ruim conosco. Dá-se exatamente o inverso na esfera psíquica, ou seja, naquela esfera que somos simplesmente (sem reserva) “nós mesmos”, e que não podemos saturar demais, que aceitamos cada vez mais, quanto mais longe ela conduz, e de cujos propósitos, na medida em que indicam o caminho, nossa fome sempre aumenta; pois foi afinal nesse contexto que primeiro e apenas gradualmente aprendemos a diferenciar-nos como consciências individuais isoladas (Andreas-Salomé, 1975, p. 41).

Assim, Andreas-Salomé postulou que o corpo tem um papel duplo: tanto no que se refere ao estabelecimento do contato com a realidade subjetiva do inconsciente, quanto a respeito da mediação das exigências do mundo externo. O traço narcisista do sujeito, no entanto, tem limites. Quando o corpo está superestimulado de libido, ele reage desconfortavelmente,

tornando-se algo separado do sujeito. Isto resulta em uma relação negativa com o próprio corpo devido às pressões e adaptações exigidas pelo mundo externo. Por outro lado, em termos psíquicos, o aumento de libido opera de forma inversa no inconsciente, já que o mundo externo não exerce a mesma pressão e, portanto, a libido não encontra obstáculos para buscar cada vez mais satisfação. A respeito deste ponto, vale notar que não fica clara a distinção entre corpo e psiquismo (Andreas-Salomé, 1975).

Freud respondeu a carta de Andreas-Salomé semanas depois, em 31 de dezembro de 1915. Em sua resposta, ele esclareceu que não enxerga os comentários da amiga como objeções, mas como um estímulo para tentar esclarecer algumas questões, algo que reconhece não ser capaz de resolver nesse momento. Em seguida, Freud retomou um apontamento feito no texto de 1914, afirmando que a tarefa da ciência não era a de simplificar o mundo e, por conta disso, se contentava em não ter todas as respostas até esse momento da teoria. Sobre o argumento final da autora, que implica nos conceitos de libido do eu e de objeto, Freud foi enfático ao dizer que toda sua teoria a respeito do narcisismo um dia seria considerada metapsicológica, baseada em fatores topográficos e dinâmicos, sem relação com os processos conscientes. Nesse caso, os exemplos trazidos por Andreas-Salomé se referiam às ações que poderiam se tornar conscientes, opostas ao narcisismo ingênuo e genuíno (Freud, 1975).

Como os registros do diário de Andreas-Salomé sobre psicanálise se encerram em novembro de 1913, ano no qual parou de frequentar as reuniões em Viena, somente através das cartas e publicações teóricas é possível ter notícias sobre suas impressões a respeito do texto *Introdução ao narcisismo*. Em 1915, ela informou Freud sobre seu artigo, intitulado *Anal e Sexual*, compartilhando seu desejo de enviá-lo para que ele pudesse ler e comentar, pois seus apontamentos teóricos colidiam com os temas do amor e do ódio presentes em *Pulsões e seus destinos* (Freud, 1915/2013). Devido à guerra, a publicação do artigo de Lou ocorreu em 1916, sendo considerado uma das contribuições mais significativas da autora (Gitaroff, 2008). Ela teorizou sobre temas relacionados às fases pré-genitais da libido, motivo pelo qual este se torna o texto da psicanalista que melhor se comunica com *Narcisismo como uma dupla direção*. Graças a este texto, Andreas-Salomé foi mencionada na conferência *A vida sexual humana*³³, datado de 1916, por ampliar a visão freudiana sobre a fase anal. Freud (1920/2016) também acrescentou, em 1920, uma nota de rodapé na qual resumiu parte do trabalho de Andreas-Salomé sobre a analidade:

³³ Texto que faz parte das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* e apresenta a teoria de Andreas-Salomé sobre a fase anal (Freud, 1920/2016).

Num trabalho que aprofunda enormemente a nossa compreensão do significado do erotismo anal [“‘Anal’ und ‘Sexual’”, *Imago*, v. 4, 1916], Lou Andreas-Salomé explicou que a história da primeira proibição imposta à criança – a de obter prazer com a atividade anal e seus produtos – é decisiva para todo o seu desenvolvimento. Nessa ocasião, o pequeno começa a vislumbrar o meio ambiente hostil a seus impulsos instintuais, a diferenciar entre seu próprio ser e esse outro mundo e, depois, a efetuar a primeira “repressão” de suas possibilidades de prazer. A coisa “anal” fica sendo, a partir de então, o símbolo de tudo a ser rejeitado, afastado da vida. A nítida distinção entre processos anais e genitais, posteriormente requerida, é dificultada pelas estreitas analogias e relações anatômicas e funcionais entre os dois. O aparelho genital permanece vizinho da cloaca, “no caso da mulher, é inclusive alugado desta” (Freud, 1920/2016, p. 93).

3.2. Erotismo e narcisismo em *Anal e Sexual* (1916)

Em uma carta encaminhada no dia 18 de novembro de 1915, Freud (1920/2016) definiu o manuscrito *Anal e sexual* como uma bela síntese a partir do material selecionado. Publicado no ano seguinte, em 1916, foi avaliado como o primeiro grande trabalho psicanalítico de Andreas-Salomé (Freud, 1975). Gitaroff (2008) afirma que o manuscrito merece ser estudado tanto por sua originalidade, quanto pela antecipação da hipótese sobre o erotismo e sua relação com o narcisismo. Escrito antes da publicação de *Pulsões e seus destinos* (1915/2013), e baseado na conferência *A predisposição a neurose obsessiva* (Freud, 1916/2014) no referido trabalho Andreas-Salomé já explora a relação do sujeito com a analidade, bem como a ambivalência entre amor e ódio decorrente dessa fase do desenvolvimento psíquico.

O ponto inicial de Andreas-Salomé (1916/2022) é o impacto do primeiro “eca” na vida psíquica do sujeito, visto que a analidade é ainda mais malvista do que outras manifestações da sexualidade infantil. A autora coloca a reação parental em relação à analidade da criança como o primeiro registro de proibição na vida psíquica, ao passo que a abstinência pulsional, descrita como uma compulsão à proibição resultante desse registro, marcaria o início do aprendizado do sentimento de repulsa. A noção de regulação já estaria presente desde a fase oral, mas de uma forma mais passiva, na qual o sujeito simplesmente não pode obter o que deseja. Na analidade, a diferença residiria no aspecto decepcionante do mundo externo, o qual afeta diretamente a construção do próprio eu. Sobre esse assunto, Andreas-Salomé (1916/2022) argumentou:

Aqui, no entanto, não se ergue meramente uma fronteira decepcionante vinda do mundo exterior contra o ser recém-nascido, há pouco ainda totalmente vinculado, mas ele é introduzido a realizar um ato peculiar – um ato contra si mesmo, a imposição de um limite dentro do próprio impulso –, ao dominar seu ímpeto anal, concomitantemente ao primeiro verdadeiro “recalcamento” de si mesmo (p. 165).

Ao concordar com a hipótese freudiana, segundo a qual o prazer estaria associado à defecação, Andreas-Salomé (1916/2022) argumentou que nesse momento o eu primitivo emerge como o dominador de uma situação que se originou a partir da repressão. A autora sugere ainda que, devido à compulsão de negar a pulsão voltada para a analidade, a criança traz o prazer anal para dentro de si novamente, revivendo o autoerotismo em sua própria corporeidade. Neste contexto, o eu novamente se ajustaria à pulsão no prazer anal, e a criança se depararia com a ambivalência entre as inibições externas e os impulsos internos, culminando no antagonismo entre o corpo e o psiquismo. Como inicialmente o eu e o mundo eram uma coisa só – durante a amamentação, por exemplo –, o registro da analidade como um produto ruim quebra a ideia narcísica de perfeição e sentimento de unidade com as figuras parentais. Dessa maneira, o eu e o outro não seriam um. Para Markotic (2001), o melhor título para este trabalho seria *A dupla orientação da analidade*, já que para ele este é o caminho que a autora percorre: durante a fase anal a criança vivencia experiências de separação e fusão com o mundo.

Assim sendo, na concepção de Andreas-Salomé (1916/2022) a libido anal surgiria como resultado do registro da separação, no momento em que a percepção dos limites entre o eu e o outro está em processo de construção. Portanto, seria durante a fase anal que o senso de continuidade com o mundo começa a se desenvolver. Esse processo ocorre à medida que a criança toma consciência de que está criando algo, uma parte de si mesma que se separa e se integra ao mundo. Essa separação decorrente da primeira desaprovação impõe a proibição ligada ao desejo e ao prazer. A este respeito, Andreas-Salomé (1916/2022) afirmou que o sujeito se torna capaz de se autorregular porque precisou se diferenciar desde muito cedo dos processos que ocorrem dentro de seu corpo. A relação com a analidade permitiria, então, a quebra da segurança da “onipotência de pensamentos”, bem como o primeiro contato com a morte. Diante do “eca” e da produção de algo considerado “sujo” pelos cuidadores, a criança se vê em face de uma situação inevitável para todos: o encontro com o anorgânico, a não vida, a matéria do anal. Na perspectiva da psicanalista, essa situação seria semelhante à relação dos adultos com a morte. Segundo Gataroff (2008), ao menos até este ponto, sua construção teórica sobre o erotismo está de acordo com as afirmações freudianas a respeito da repressão, a construção de mundo interno e externo e, conseqüentemente, a separação entre o eu e o outro.

Andreas-Salomé (1916/2022) indica, então, que o julgamento anal propõe uma duplicidade entre realidade e símbolo. Na condição de um desenvolvimento normal da sexualidade, as vivências de prazer primitivas seriam deslocadas para outras formas mais maduras, e, portanto, mais aceitas. Entretanto, caso a repressão seja muito intensa na fase anal,

o sujeito pode manifestar horror em relação àqueles atos pulsionais e todos os outros ligados a sexualidade. O que é sedutor e impuro se misturam, ao passo que essas pulsões ficam à mercê de uma defesa mais rígida. Gitoroff (2008) comenta que assim nasce o sentimento de culpa, o qual, para Lou, teria suas raízes na analidade. A partir desse raciocínio, a vivência de prazer e perda da fase anal representaria o dilema ambivalente da culpa: o que outrora foi uma penalidade do mundo externo, agora é introjetado, e se depara com o prazer presente no mundo interno. As pulsões vencedoras e perdedoras desse embate seriam dolorosamente percebidas, passando a simbolizar a dualidade de tudo que é humano. Mais uma vez, a questão da existência humana e o dever imposto pela cultura estariam em destaque, sendo estes um produto da analidade. Sobre isso, Andreas-Salomé (1916/2022) comentou:

O “nojo” como sentinela protetora da “sujeira” – ou seja, daquilo que se encontra no lugar errado, do segregado, que deve ser expurgado – torna-se o marco de uma vida que, humana, tem de distinguir dentro de si mesma, mais uma vez, a morte e a vida (p. 180).

Para Gitoroff (2008), Andreas-Salomé estaria de acordo com a proposta freudiana, segundo a qual a culpa estaria no fundo de todo sintoma neurótico. No entanto, a teoria da autora não apenas trouxe acréscimos para essa proposta, indicou que a culpa teria raízes mais profundas: o registro de proibição da fase anal tem como função arrancar o sujeito do narcisismo. Essa sensação de incompletude que perfura a criança aponta o fato de que nem todas as suas ações agradam aos seus cuidadores, que haveria algo de inconfessável em suas atitudes, um produto que nem mesmos os adultos sabem lidar. Daí em diante, nasceria a culpa. Cromberg (2023) aponta que dessa dupla dualidade da analidade surgiria a renúncia pulsional e um novo prazer do autoerotismo provocado pela retenção/defecação. Assim, estabelecer-se-ia uma nova relação com o corpo entre impulso e inibição, a cisão entre o interno e externo e a oposição entre ser e dever. Nesse momento, o eu começaria a surgir a partir da imposição do outro, o que geraria ódio. Fundamental para a separação da simbiose oral, o ódio foi postulado por Andreas-Salomé como uma força de vida, a qual viabiliza a expansão de si e a apropriação do mundo externo. Ao contrário de Freud, Andreas-Salomé (1916/2022) afirmou que o desejo do Inconsciente busca uma unidade, e que a dupla existência do eu-consciência seria a base para todos os conflitos. Assim sendo, a culpa e a doença teriam raízes nesta dupla vivência da essência humana.

A busca inconsciente por uma unidade permeia toda a proposta teórica de Andreas-Salomé, tanto na dupla vivência da analidade, como na dupla direção narcísica apresentada em 1921. Notadamente em *Anal e sexual*, a autora foi enfática ao afirmar que a vida cotidiana traz consigo o registro do conflito entre o eu e o mundo externo, alinhado com o primeiro dualismo

pulsional proposto por Freud. Contudo, a visão positiva de Lou em relação ao ser humano se manifesta em sua teoria ao destacar o poder criativo desse estado de unidade. Sua hipótese era a de que grande parte dos conflitos poderia ser resolvida caso o indivíduo entrasse em contato com essa experiência de contradições inconscientes que ficaram marcadas no erotismo anal infantil. Sobre essa potencialidade em relação à culpa, Lou escreveu:

Certamente, mesmo sem todo o “sentimento de culpa” específico, existem no ser humano guerras e conflitos suficientes das pulsões entre si, quanto mais rico e extenso ele for, provavelmente mais numerosos e dolorosos eles serão. No entanto, tais dores não devem de forma alguma destruir a totalidade de sua essência, mas podem muitas vezes até mesmo estimulá-la: na medida em que, além das pulsões vencedoras, também as derrotadas passam a ser dolorosamente percebidas; além de que o si mesmo, como um todo, se torna mais consciente de sua dimensão do que teria sido possível na paz. Entre o prazer e o perder, ele se amplia até uma vida mais intensa, torna-se senhor de si pelo mesmo método descrito no início, de desenvolvimento de uma consciência cada vez mais renovada e ampliada (Andreas-Salomé, 1916/2022, p. 178).

Para Andreas-Salomé (1916/2022) a educação anal apresentaria essa vivência dual da experiência humana, visto que a tensão entre o eu em construção e as pulsões abriria uma fenda na unidade narcísica do psiquismo. Markotic (2001) pontua que desse momento em diante, a criança passa a reconhecer o próprio corpo como tal, com limites que não necessariamente são definitivos. Nessa nova dualidade, o eu não poderia se identificar completamente com o corpo e, desta maneira, mais um conflito seria estabelecido. O erotismo anal representaria uma tentativa de unificação entre o eu e o mundo, em um movimento semelhante ao que existia antes do recalçamento dessa libido. Para Andreas-Salomé (1916/2022), o olfato seria o sentido de maior importância na relação com o erotismo anal. Apesar de ser o sentido mais animal e negligenciado da evolução humana, ele seria capaz de tocar nos pontos mais obscuros do passado psíquico, onde ainda reinaria o ideal de unificação com o todo. Como um grande representante do asco, o olfato seria a última memória da unidade entre o sujeito e o mundo externo, que, conforme Pereira (2016), pairaria durante toda vida do sujeito como sua última sanção originária.

À medida que o desenvolvimento sexual acontece, a libido seria deslocada para outras áreas erógenas do corpo, encontrando na genitalidade maior aprovação do mundo externo, visto que a sexualidade genital exige a presença de outro sujeito. Na perspectiva de Andreas-Salomé, o erotismo anal é rechaçado desde o início, e dessa forma um eu ainda muito incipiente introjeta a proibição sem maiores resistências. A sexualidade genital, por outro lado, atropela as proibições que lhe foram lançadas, buscando sua meta a qualquer custo. A pulsão anal se

expressaria através de um protesto contra o ambiente, enquanto a pulsão genital se entregaria e se realizaria no enlace com um parceiro. Essa diferença demonstra a distinção de simbolização das fases libidinais: a anal como representação da morte, e a genitalidade como representante da vida.

Pereira (2016) comenta que essa argumentação de Andreas-Salomé sobre os opostos ilustra os dois lados de uma mesma moeda: vida e morte; prazer e defecação; futuro e transitoriedade. Assim, a fase genital é vista em continuidade com a fase anal, mais relacionada ao autoerotismo do que ao envolvimento com o outro. No entanto, na vida psíquica, nada é perdido. As experiências vividas na fase anal, as quais permitiram o surgimento da vergonha, também se manifestariam na sexualidade genital através da vergonha associada à masturbação. A hipótese defendida por Andreas-Salomé (1916/2022) era a de que o objeto de amor representaria tudo isso, da satisfação sexual ao controle e julgamento, além de uma eventual rejeição por parte da consciência. Inclusive, o estabelecimento do eu como não completamente idêntico ao corpo seria resultado da fase anal. Portanto, na perspectiva de Andreas-Salomé (1916/2022), a fantasia da relação sexual, concebida como a possibilidade de unidade entre dois corpos, não é possível. Essa busca consistiria na tentativa de viver ilusoriamente a sensação de alguma unidade, a qual foi extirpada com a vivência anal. A partir da sexualidade anal o psiquismo faria o registro de que há uma diferença marcada no si mesmo, e isso resulta em um sentimento de distinção entre o eu e o corpo que permanece por toda vida do sujeito.

Andreas-Salomé (1916/2022) observou que algumas pessoas tentam minimizar os impactos da vivência corporal à medida que o desenvolvimento psíquico ocorre e a libido se desloca para outras zonas erógenas, evitando a ambivalência libidinal que remete à sexualidade infantil. A autora descreve essas pessoas como “sublimadores”, no sentido freudiano literal: sujeitos que desviam toda a libido para metas assexuais, que de forma alguma vivem as reminiscências da sexualidade infantil. A sublimação sofreria, então, grande influência erótica, mas isto seria uma consequência do abandono da raiz da sexualidade em um local profundo. Andreas-Salomé (1916/2022) também concorda com a hipótese de que a potência criativa deriva da sublimação, como previamente defendida por Freud. Para ela, o sucesso desse movimento libidinal resultaria da capacidade de viver o erotismo de outra maneira. As pulsões mais subterrâneas estariam em movimento intenso, enquanto as sublimações agiriam como erupções dessas profundidades. Entretanto, nessa linha de raciocínio, sempre existirão pulsões soterradas. Wang (2000) aponta que Andreas-Salomé apresenta uma noção de sublimação não repressiva. Essa noção considera que a sublimação pode ser uma autorrealização narcísica dos

impulsos primários, como uma forma de descarregar a libido em harmonia com as atividades culturais. Nas palavras de Andreas-Salomé (1916/2022):

E justamente porque a libido ainda está aqui tão individualmente não utilizada, irrepresada, ela talvez possa, como força pulsional nas obras do espírito, ajudar a expressar algo universalmente válido, para além da criatura individual. [...]. Se essas formas de manifestação se tornam, portanto, alvos da desaprovação e não passam para o desenvolvimento habitual, então uma força pode ser conseqüentemente liberada para atuar em outra direção. Pois elas tinham em seu formato primitivo, em seu atraso da forma posteriormente contestada o sentido primevo da unidade do sujeito e do objeto, assim como da totalidade do eu e do mundo em si, o qual então precisa se impor de novo de alguma forma e em algum lugar (p. 192-193).

Wang (2000) também destaca que essa ideia representa uma crítica à condição histórica do ocidente moderno³⁴, na qual o princípio da realidade suprime o princípio do prazer. Isso nos remete novamente ao retorno à unidade do sujeito antes da fase anal, assim como à potência criativa desse estado, elemento explorado em *Narcisismo como dupla direção*. Andreas-Salomé (1916/2022) ressaltou de maneira enfática a importância da sexualidade anal, uma vez que esta desempenha um papel crucial na ruptura desse estado unitário. Com um toque espiritualoso, ela comparou a sexualidade anal com a história da Cinderela, afirmando que, assim como a Gata borralheira, a sexualidade anal também terá o seu momento de destaque no futuro. É indiscutível a fidelidade de Andreas-Salomé à psicanálise freudiana, e isto fica ainda mais evidente nas ocasiões em que ela se refere aos trabalhos de Adler e Jung sobre a libido. A crítica direcionada aos autores dizia respeito ao papel secundário atribuído à sexualidade em suas teorias, posição semelhante a de Freud. Andreas-Salomé (1916/2022) também pontuou que o campo de investigação filosófica de ambos os teóricos era confuso: ora próximo demais da cultura, como no caso de Jung, ora dedicado apenas à individualidade, como Adler. Na perspectiva de Andreas-Salomé (1916/2022), Freud estabeleceu seu campo de investigação claramente, fosse através de especulações biológicas, fosse através de formulações filosóficas. Isso despertou o interesse de Lou em relação ao debate sobre o narcisismo: muito embora deixasse resquícios ao longo da vida do sujeito, esse conceito se confrontava com limites concretos em observação no psiquismo, o que se devia à sua natureza tão primitiva no desenvolvimento humano.

Entendido como vivência de completude e união entre o eu e o mundo, o narcisismo se destacou no ensaio de Andreas-Salomé (1916/2022), especialmente no que se refere ao estado

³⁴ Wang (2000) argumenta que essa noção de sublimação não repressiva, que vai de encontro aos desejos de uma unidade psíquica, anuncia a visão utópica de uma condição cultural que valoriza a vida. Essa ideia foi teorizada em *Eros e a civilização*, de Hebert Marcuse.

que nomeou como “verdadeiro narcisismo”, no qual as pulsões sexuais e as tendências egóicas³⁵ ainda não se encontram diferenciadas. Essa visão ainda mais primitiva sobre o narcisismo foi aquela que mais chamou a atenção de Lou, como ela mesma afirmava nas cartas trocadas com Freud (1975). Apenas com a escolha de objeto seria possível diferenciar a libido do eu e de objeto, até então unificadas. O erotismo, por sua vez, obrigaria a ocorrência desse movimento: o excesso de libido adoeceria o sujeito e o próprio ambiente tentaria regular essa movimentação, exigindo, através da consciência, que ele direcionasse parte da libido para fora de si mesmo. Neste ponto, entendemos que Andreas-Salomé (1916/2022) foi além da proposta freudiana, sustentando que o caminho da libido em direção ao objeto é uma tentativa de reunificar o eu com o antigo estado de completude. Nas palavras da autora:

[...] o investimento do objeto é o meio para *re*-unificação, como o estágio primevo correspondia a uma *ainda*-unidade; dentro dela estaria dada, portanto, não apenas, negativamente, a descarga de um estado de excitação perturbador, mas também, positivamente, um arrastar para dentro de si, um incorporar, “introjetar” do mundo (Andreas-Salomé, 1916/2022, p. 206, grifos da autora).

A partir dessas elaborações, Andreas-Salomé (1916/2022) argumentou que a contradição na sexualidade surgiria neste momento, quando o corpo não sabe como se articular para além da linguagem orgânica fechada em si mesma. Já na organização psíquica, a libido continua a buscar uma plenitude que remeta a sensação de unificação primordial do ser humano. Dessa maneira, Lou retorna ao argumento de que na relação sexual os parceiros buscam essa sensação corpórea impossível, mas é no movimento da libido inconsciente, através da criatividade, que haveria maior possibilidade de uma aproximação com esse estado.

A construção teórica da autora sempre remete à busca pelo retorno ao estado de unificação, assim como à potência e reencenação deste estado por meio do erotismo anal e do movimento da libido. A noção de mundo externo se fortalece a partir da manifestação dos pais em relação às fezes, a qual rompe com a fantasia de unificação da criança. Nesse contexto, a criança buscaria reestabelecer o vínculo primordial narcísico no curso da sexualidade anal e do investimento em objetos. Assim, podemos dizer que os principais temas de interesse teórico e conceitual de Andreas-Salomé na psicanálise são: o erotismo, o narcisismo e a analidade.

Ao final de seu ensaio, Andreas-Salomé (1916/2022) esclareceu que a elaboração teórica, principalmente em relação ao narcisismo, não a tocou de maneira fria, mas transformou sua própria existência e a forma de enxergar o mundo. Vale notar que a afirmação da autora vai

³⁵ Em seu texto, Andreas-Salomé (1916/2022) propôs nomeações como “tendências da libido” e “tendências egóicas” em referência, respectivamente, às pulsões sexuais e às pulsões do eu.

de encontro ao comentário realizado em “O gato narcisista: a psicanálise como um presente”, como consta em seu diário; uma vez que, na visão de Andreas-Salomé (1968), a teoria ganha vida e seus desdobramentos acabam sendo pensados em conjunto com sua existência. As ideias apresentadas em *Anal e sexual* continuaram sendo desenvolvidas em *Narcisismo como dupla direção*, notadamente a partir da consideração do conceito de pulsão de morte, assim como de outros conceitos que foram introduzidos por Freud no início da década de 1920.

4. O Diálogo Entre Freud e Andreas-Salomé Durante 1915 e 1921

O plano de fundo histórico de muitas das cartas trocadas entre Andreas-Salomé e Freud foi a Primeira Guerra Mundial [1914-1918], nelas se encontram principalmente o registro da escassez de comida e da ida dos filhos de Freud aos campos de batalha. Conforme Armstrong (2020), a grande carta sobre o narcisismo que Lou enviou à Freud coincidiu mais ou menos com o início da guerra, e suas elaborações sobre o fenômeno narcísico têm consonância com o que a autora chamou de “narcisismo negativo do inconsciente”. Em uma carta enviada para Rilke (Andreas-Salomé; Rilke, 2022), Lou comentou que a cultura exerce um tipo de treinamento cultural do ódio, o qual possibilitaria que os sujeitos reconhecessem os outros como ameaças ao próprio narcisismo. A autora argumentou ainda que, na tentativa de estabelecer os próprios limites, a partir da construção de um narcisismo distorcido a libido se retrai em relação ao eu. Andreas-Salomé (1931/2001) designou esse movimento como “ódio primário”, o qual consistiria em repelir algo diferente da própria constituição psíquica. Enquanto a questão da guerra estaria relacionada com essa regressão ao ódio primário, o narcisismo negativo ilustraria uma relação de confronto do eu com o mundo exterior.

Ideias semelhantes foram apresentadas por Freud (1914/2013) em *Pulsões e seus destinos*, e em uma carta que Andreas-Salomé (1975) encaminhou para Freud no dia 15 de julho de 1915, na qual a autora explorou melhor essa hipótese. Com base na leitura deste texto, e considerando a hipótese freudiana sobre a transformação do destino da pulsão em seu oposto, Lou afirmou ter conseguido inferir que o ódio seria um ingrediente ativo no narcisismo, mas que somente era visto dessa maneira quando o sujeito se via confrontado com o mundo externo. Nesse caso, quando os soldados decidiam se sacrificar por ideias, estariam atuando por meio dessa identificação total com o todo de forma altamente sublimada. A partir das forças atuais e morais do mundo, e acreditando estarem do lado correto da guerra, os soldados eram envolvidos por um sentimento de segurança que remete ao narcisismo. O desejo de matar, entretanto, surgiria no momento em que o sujeito descobrisse estar separado do objeto, e o eu precisasse confrontar o mundo externo. Armstrong (2020) comenta que nesse movimento do narcisismo negativo Lou acreditava que o sujeito vivia com as “flores do mal” de um estado de oposição, visto que essa relação entre o mundo interno e o externo poderia ser vivido de outras formas, tal como apontou em *Anal e sexual*. A dupla tendência do psiquismo, cuja formulação aparece neste texto, continua presente nas correspondências trocadas, principalmente naquelas a respeito dos artigos metapsicológicos.

Em uma carta enviada em 09 de abril de 1916, Andreas-Salomé (1975) argumentou que os princípios de prazer e de realidade³⁶ se complementam. Na concepção da autora, o princípio de realidade não surge apenas da pressão externa da realidade, mas também acontece devido a um impulso interno de descarregar. Esse argumento se assemelha ao que foi estabelecido por Freud (1914/2010b) em *Introdução ao narcisismo*, texto no qual o autor comentou que a libido se retira do eu em direção aos objetos por causa da tensão gerada pelo acúmulo interno de libido, isto é, pela necessidade interna de descarregar as pulsões. Nesse sentido, o que Andreas-Salomé (1975) pontuou nessa carta foi que a existência dos dois princípios do funcionamento mental indica uma tendência dupla do psiquismo para se autorregular: o princípio de realidade seria um desdobramento do princípio de prazer, e nisto a autora está de acordo com o argumento freudiano; por outro lado, ela reconhece que haveria outro impulso no psiquismo, o de retornar ao princípio de prazer. Essa pontuação reforça que a ideia de dupla tendência e retorno à unidade psíquica experimentada por meio do princípio de prazer, isto é, em uma cena psíquica na qual não existe diferença entre a fantasia e realidade, é um ponto marcante em todas as construções teóricas da autora.

Tocada por essa questão e pelo fenômeno narcísico, na carta de 02 de julho de 1917 Andreas-Salomé (1975) enviou algumas de suas anotações sobre a *Teoria geral das neuroses*³⁷ para Freud, retomando o caso Schreber para analisar o que ela nomeou como estágio narcísista. A autora afirmou que os objetos externos, assim como a realidade, passariam a ser conscientes com o desenvolvimento da libido. Mesmo diante da ação da repressão, a função da realidade do ego não seria alterada. Entretanto, seria no estágio narcísista que a repressão propriamente dita aconteceria, antes de a sexualidade genital e o mundo-objeto se diferenciarem. Esta seria a formulação para entender a constituição das parafrenias, na qual o ego rudimentar utiliza a libido como meio de expressão, negando as fronteiras psíquicas que deveriam atuar e assim separá-lo do mundo. O interesse e a sexualidade teriam um único destino, o próprio sujeito, como Freud (1911/2010a; 1914/2010b) já havia apontado ao analisar o Caso Schreber e ao longo de *Introdução ao narcisismo*.

³⁶ Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, Freud (1911/2010a) elaborou uma teoria sobre os dois princípios que regem o funcionamento mental. A dinâmica do princípio do prazer teria como objetivo evitar o desprazer ou proporcionar prazer – na medida em que o desprazer está relacionado ao aumento de excitação, e o prazer à redução. Já o princípio de realidade impõe uma dinâmica reguladora, a qual inibe a descarga imediata dos estímulos e busca a satisfação de acordo com as condições impostas pelo mundo externo. Vale notar que, em termos metapsicológicos, o princípio de realidade envolveria uma transformação da energia livre em energia ligada (Laplanche & Pontalis, 2016).

³⁷ Parte das conferências introdutórias publicadas por Freud em 1917 (Freud, 1920/2016).

Nesse ponto, Andreas-Salomé (1975) retomou a discussão sobre narcisismo e corpo, apresentada na carta do dia 15 de janeiro de 1915 e em *Anal e sexual*. A autora argumenta que em uma condição psicótica não ocorreria a diferenciação entre o corpo e o próprio sujeito, entre o Ego e a sexualidade: no desenvolvimento psíquico o excesso de libido é sentido como tensão dentro do corpo e jogado para fora do sujeito, e nesse movimento a unidade narcísica do psiquismo seria rompida, abrindo caminho para o contato com a realidade externa. O corpo, então, é eleito o responsável por mediar o desconforto entre o mundo interno e externo. No caso da psicose, essa cisão não acontece, e a forma que o sujeito encontra para se comunicar é a “linguagem de órgão”, como Freud comentou em relação ao que aconteceu no quadro hipocôndriaco de Schreber. Sobre essa questão, Andreas-Salomé argumentou:

Não seria por esta razão que na parafrenia é apenas o próprio organismo da pessoa, o corpo enquanto corpo, que fora, fora de toda realidade, tem uma oportunidade de expressar-se como se fosse a soleira sobre a qual a pessoa tropeça durante a formação do ego e ao ingressar no mundo-objeto? Não seria por essa razão que a linguagem é transformada numa “linguagem de órgão” e empregada em sua forma mais afetada e abstrata, porque desse modo a realidade à qual ela se refere pode ser suprimida e omitida no processo (como Freud expressamente observa)? E não seria por esta razão tão característica dos psicóticos que eles, os psicóticos, como compensação por esta perda do mundo real, são tão criativos de realidade em suas ilusões? (Andreas-Salomé, 1975, p. 84-85).

Sobre a criatividade das ilusões psicóticas, essas questões colocadas por Andreas-Salomé apontam que, no adoecimento do Ego, o sujeito mantém contato com a unidade psíquica da qual precisou abrir mão. A criatividade desse estado, portanto, seria exposta através dos delírios do doente. A resposta de Freud (1975) chegou no dia 13 de junho de 1917. Embora tenha enfatizado como Andreas-Salomé antecipou, e mesmo complementou, hipóteses que ainda não havia colocado em palavras, não deixou passar despercebido o reconhecimento de seu próprio mérito: se ele não houvesse usado o conceito de libido narcisista em sua própria obra, ela provavelmente haveria escapado dele. Não obstante, os elogios de Freud à Andreas-Salomé eram constantes. Oliveira (2022), por exemplo, comenta que a chegada de Lou ao círculo psicanalítico espantou e mexeu com um ambiente intelectual predominantemente masculino. Inclusive, Freud fez questão de destacar como os apontamentos da colega sintetizavam ideias que ainda eram discutidas nos círculos mais íntimos. Este último comentário, em particular, foi feito por Freud (1975) na carta do dia 22 de novembro de 1917, depois que Andreas-Salomé havia lhe enviado um texto de sua autoria, intitulado *Psicossexualidade*.

4.1. O narcisismo em *Psicossexualidade* (1917)

Psicossexualidade foi escrito entre os anos de 1914 e 1915, mas publicado apenas em 1917, em duas partes, numa revista de sexologia. Na carta do dia 22 de novembro de 1917, Freud (1975) comunicou à Andreas-Salomé o desejo de publicar seu trabalho apenas para psicanalistas. A autora, em contrapartida, preferiu que seu artigo pudesse circular fora do círculo psicanalítico (Pardo, 2009).

Contando com referências diretas aos *Três ensaios* de Freud (1905/2016), o trabalho sobre a *psicossexualidade* pode ser lido como uma grande defesa da obra do autor, com destaque para a ideia de que a sexualidade é o centro da vida psíquica, a qual levou a críticas e rompimentos durante meados de 1910. O texto de Andreas-Salomé (1917/2022) apresenta observações intrigantes sobre o narcisismo e o desenvolvimento de conceitos relacionados mencionados nas correspondências com Freud, mas que não chegaram a ser alvo de uma exploração aprofundada. Embora menos abordado na literatura, *Psicossexualidade* proporcionou a oportunidade de sistematizar ideias discutidas anteriormente pela autora em *Anal e Sexual*, e também em suas anotações enviadas para Freud.

Apesar de o texto não apresentar novas ideias a respeito da *psicossexualidade*, nele o pensamento desenvolvido até aquele momento sobre o narcisismo foi sintetizado, notadamente na primeira parte publicada. Andreas-Salomé (1917/2022) afirmou que assim como Freud analisou o narcisismo a partir da patologia, da psicose, era possível analisá-lo através da observação das crianças. Para a autora, o recém-nascido experiencia um contato com o corpo no qual a libido não é dirigida para fora, e apenas neste contexto o mundo interior é mais amplo do que a realidade externa, sendo essa uma das características da unificação psíquica. Nesse período, o bebê vive a mãe antes de amá-la, e a partir da ligação simbiótica com o organismo materno a criança teria suas primeiras experiências de satisfação. Portanto, quando ela se separa desse objeto e descarrega a libido para fora de si, sua expectativa é a de redescobrir o objeto que foi perdido³⁸. Esse momento que Andreas-Salomé interpreta como autoerotismo se diferencia do narcisismo devido ao fato de este estado ser um pouco mais elaborado, reunindo a satisfação e o interesse em torno de um objeto central: a própria pessoa. Além disso, a autora não concordava com a perspectiva de que o narcisismo fosse apenas uma fase do desenvolvimento, tal como o autoerotismo. O narcisismo seria, na verdade, um movimento constante entre o interior e exterior, que estaria presente durante toda a vida do sujeito.

³⁸ Trata-se de uma referência ao que Freud (1905/2016) disse em *Três ensaios* a respeito da descoberta de o objeto ser, na verdade, uma redescoberta.

Em uma nota de rodapé, Andreas-Salomé (1917/2022) apontou que poderia ocorrer alguma confusão ao observarmos esses fenômenos. Para a psicanalista, a ideia de uma totalidade pessoal, na qual o sujeito se encontra com toda a libido reunida no eu, mas conserva certo grau de consciência a respeito de seu reflexo, assim como sobre o fato de que está desfrutando si mesmo, não pode ser considerada expressão do narcisismo. Isto porque, nestas circunstâncias, o sujeito e o objeto são distintos. Nesse ponto da discussão, Andreas-Salomé (1917/2022) retoma o argumento do mito: “[...] para o Narciso refletido na água, sua imagem não representaria mais o mundo, e o mundo não representaria seu si-mesmo” (p. 223). Portanto, para a autora, não haveria distinção entre o autoerotismo e o narcisismo.

Pardo (2009) argumenta que, nessa vinculação inicial com a figura materna, o sujeito estaria vivendo o verdadeiro narcisismo, assim como Narciso experienciou no mito a fusão entre o eu e o mundo. Há um investimento na unidade psíquica no qual não é possível separar o bebê e seu cuidador primordial, e, nesse ponto, o eu e o outro formam um só. Andreas-Salomé (1917/2022) diferenciou o autoerotismo do narcisismo ao estabelecer que o princípio narcísico não seria apenas uma fase do desenvolvimento, tal como o autoerotismo, mas acompanharia o sujeito constantemente. Ela admitiu a existência de uma libido que permanece no eu e de outra cedida aos objetos:

O narcisismo, que mantemos em nós para além do período de sua autocracia, se esvai durante a evolução tão pouco quanto aquele fundo de protoplasma. Só que, tanto quanto não se pode ver os pseudópodes como braços e pernas totalmente nascidos, não se deve pensá-lo em termos de formas fixas da consciência: apenas o ferrenho inventário daquilo que é comum se manifesta nele; a base, que sempre volta a se unificar, tanto das antigas especializações autoeróticas, quanto dos investimentos objetivos posteriores (Andreas-Salomé, 1917/2022, p. 226).

Markotic (2001) comenta que o narcisismo original proposto por Lou antecipa a ideia de ego. Dessa perspectiva, haveria uma distinção entre o ego e o autoerotismo: a unidade psíquica primordial faz referência a um estado no qual a imagem do sujeito e a do mundo ainda é borrada. Não obstante, Andreas-Salomé concorda com a concepção de um investimento originário de libido no eu, tal como Freud (1914/2010b) estabeleceu em *Introdução ao narcisismo*. Neste momento, a autora consegue sistematizar o que já havia comentado sobre o verdadeiro narcisismo ser “a mais profunda ingenuidade” (Andreas-Salomé, 1975, p. 39), como consta na carta enviada para Freud em 15 de janeiro de 1915. Ao diferenciar o verdadeiro narcisismo, e ainda assim concordar com Freud sobre a ideia de um investimento libidinal no eu, Lou se esforça para defendê-lo e acatar a sua hipótese. Mas desde aqui ela já apresenta sua

conceitualização de dois tipos de narcisismos, embora não termine de formulá-los (Pardo, 2009).

Com o propósito de defender a teoria libidinal de Freud, Andreas-Salomé (1917/2022) retomou a questão da repressão cultural para discutir como as pessoas lidam com a sexualidade. Na perspectiva da autora, a vivência da sexualidade como algo repressivo ou livre é algo cujo desfecho depende do contexto e desenvolvimento do sujeito. Independentemente de essa vivência se aproximar mais de um ou do outro extremo, é uma realidade que não podemos viver sem nos relacionarmos com nossa própria sexualidade. Isso acontece porque a busca inconsciente da relação sexual pretende retornar ao estado de unidade psíquica que o sujeito já viveu. Embora este ponto de sua contribuição teórica já estivesse presente em *Anal e sexual*, foi em *Psicossexualidade* que Andreas-Salomé (1917/2022) ofereceu maiores pistas sobre o que ela queria dizer com a noção de desejo inconsciente.

De acordo com Andreas-Salomé (1917/2022), a separação entre “sexualidade” e “eu” é uma construção didática da qual Freud se utiliza para explicar os opostos psíquicos, as pulsões do eu (autoconservação) e as pulsões sexuais. Entretanto, como a criança viveu a fase de dissolução entre o eu e o mundo, na qual o desdobramento das pulsões do eu em pulsões sexuais não ocorreu, isto permaneceria na vida psíquica do sujeito. O conflito se estabelece porque “[...] o indivíduo, programado para o desenvolvimento egocentrado, busca as forças pulsionais para tanto no entrelaçamento total, do qual ele desperta para si mesmo apenas na forma de sexo” (Andreas-Salomé, 1917/2022, p. 228). Uma vez mais em consonância com Freud, o argumento da autora ressalta que essa separação e o desenvolvimento vão acontecer devido aos determinantes biológicos. Desta forma, a repressão diante da sexualidade não aconteceria apenas por causa da cultura, mas também porque, organicamente, o desejo de preservar o eu, e de retornar ao estado de unidade psíquica, irá se diferenciar da necessidade de preservar a espécie, separando-se do outro. Nesse caso, uma contradição aparece: o desejo inconsciente na relação sexual é o da união dos corpos e diminuição de tensão, um resquício do momento em que o eu não era distinto dos objetos. Pereira (2016) pontua que o êxtase momentâneo da relação anularia o outro, e somente quando os amantes retornam a si é que eles observam o parceiro como um sujeito com vida independente. Dissolve-se, assim, a ideia ilusória de unidade com o objeto.

Devido ao desdobramento das pulsões do eu em pulsões sexuais, e à separação entre o eu e o mundo que acontece durante a fase anal (Andreas-Salomé, 1916/2022), os anos iniciais da vida são importantes para a construção e reconhecimento das primeiras paixões. Sobre essa questão, Andreas-Salomé concorda com Freud a respeito da importância do investimento

narcísico dos cuidadores para a formação do registro de satisfação libidinal no corpo da criança. Por meio da idealização ou da realização dos desejos de “sua majestade o bebê”, a libido investida na criança conduziria ao reconhecimento de que o corpo não é só o primeiro lugar de investimento, mas também a forma inicial com a qual o sujeito manifestaria tudo que está sentindo (Andreas-Salomé, 1917/2022). Dessa maneira, o corpo detém todo o conhecimento sobre o sujeito, visto que a partir dele ocorreram as primeiras experiências de satisfação e a sensação de unificação com o todo.

Desde *Anal e sexual*, Andreas-Salomé (1916/2022) enfatizou que a criança precisaria fazer muitas renúncias em benefício do desenvolvimento da libido e que, com o recalque, poucas dessas sensações poderiam ser resgatadas pela via da memória. Entretanto, já em *Psicossexualidade*, Lou (1917/2022) escreveu que as reminiscências dessas vivências corporais se ligariam de forma complexa a outras lembranças, podendo surgir no plano da consciência sob a forma de *déjà-vu*³⁹. Logo, esse registro corporal de unificação com o todo nunca é abandonado; na verdade, ele se liga com memórias posteriores durante o desenvolvimento da libido – e, de certa forma, esse “verdadeiro narcisismo” se manteria ao longo de toda a vida do sujeito. Nas palavras da autora:

Na vivência primeva – na primeira unificação do mundo interior e exterior, que resulta na própria vida pessoal – cuida-se para que, a partir de então, a pátria permaneça em nosso entorno, mesmo no mais estrangeiro, e ainda que o mais conhecido permaneça pleno de anseios – como se um último véu nunca tivesse sido totalmente retirado da criança que se liberta para o mundo. A “visão do visionário”, assim como a “cegueira do amor”, surge daí: na medida em que temos visões que vão além da pessoa cuja singularidade, cuja “casualidade”, despertou em nós a mais típica experiência, somos ainda mais cegos em nosso julgamento objetivo. Se nós, no afeto maduro de nossa sexualidade, demandamos a união total dos corpos – aquilo que reúne óvulo e sêmen como portadores dos componentes orgânicos originais – , então nosso investimento objetual mais desenvolvido se reúne mais uma vez completamente na mais física expressão da libido, assim como a primeira unificação com o mundo exterior foi realidade para a criança de forma totalmente física (Andreas-Salomé, 1917/2022, p. 233).

Conforme Markotic (2001), a separação desse estado de união e o início da consciência de si, como ser distinto do outro, faz surgir medo e ansiedade, uma vez que a criança passa a se sentir separada e isolada do mundo. Andreas-Salomé (1917/2022) argumentou que a busca amorosa seria uma tentativa física de diminuir essa angústia. O desejo de se unir ao outro novamente tem como finalidade não sentir a solidão inerente ao desenvolvimento da libido.

³⁹ Referência à interpretação de Freud (1914/2012) apresentada em *Sobre a fausse reconnaissance* (ou “*déjà raconté*”). Nessa interpretação, o autor comenta que a sensação de reconhecer algo já visto deriva do processo consciente de encontrar pontos de igualdade em uma experiência inconsciente que foi recalçada.

Porém, em certo momento essa sensação não se sustenta, e a pessoa se depara com a singularidade do objeto de amor. Ao não encontrar a sensação familiar de unidade, o sujeito se vê, mais uma vez, diante do limite de que o encontro da dissolução entre o eu e o objeto não é possível. Foi a partir dessa construção que Andreas-Salomé (1917/2022) formulou a noção de sexualidade duplamente orientada: existiria uma sexualidade original decrescente, referente ao verdadeiro narcisismo, e uma sexualidade genital crescente. De forma semelhante ao modelo de libido do eu e libido de objeto postulado por Freud (1914/2010b), aqui a autora fez referência a uma dupla compreensão da sexualidade. Conforme acontece o desenvolvimento da libido em direção à genitalidade, ocorre o afastamento do estado narcísico, ainda que este nunca desapareça por completo. Dessa forma, Andreas-Salomé assinala uma dupla compreensão do corpo: de um lado, a imagem física que abarca os registros internos e externos que se reúnem em unidade; do outro, a construção de um ego consciente, oposto ao corpóreo, que precisa fazer a mediação entre os impulsos internos e externos, tal como o movimento da libido do eu em direção aos objetos descrito por Freud. A respeito dessa questão, Andreas-Salomé (1917/2022) finaliza dizendo:

[...] não podemos retornar completamente à plena relação conosco e nossa com o mundo – e nos encontramos, em vez disso, aprisionados nas confrontações das fases de desenvolvimento cada vez mais subdivididas para nós, até, enfim, as mais próprias zonas corporais. [...]. Mas na medida em que o narcisismo permanece conosco mesmo assim, mesmo dentro da libido desenvolvida que investe o objeto, ele sempre volta a provocar uma aliança da própria existência com a do parceiro facilmente identificada (p. 236-237)

Pereira (2016) comenta que nessa dupla tendência da sexualidade existem muitos elementos paradoxais, visto que a sexualidade necessita do corpo para manifestar-se, e, à medida que vai se desenvolvendo, se afasta da sensação de plenitude que o corpo já experienciou.

4.2. Os desdobramentos teóricos de Andreas-Salomé até 1921

A noção de unidade primordial do psiquismo apareceu em uma das cartas que Andreas-Salomé encaminhou para Freud, notadamente no dia 16 de janeiro de 1915, e ganhou uma elaboração maior em *Anal e sexual* (1916/2022). Já a concepção de dupla tendência surgiu com mais argumentos e exemplos no artigo *Psicossexualidade* (1917/2022). Desse período em diante, Andreas-Salomé (1975) começou a delinear em suas correspondências como ocorreria o movimento de retorno para algo que o sujeito precisou abandonar em nome do desenvolvimento

da libido. Nesse delineamento, a autora sempre retorna ao narcisismo infantil e à potencialidade desse movimento psíquico.

Na carta do dia 30 de janeiro de 1919, Andreas-Salomé (1975) relacionou as experiências primitivas do sujeito à criação artística. De acordo com a psicanalista, quanto mais fantasias se apresentam na vida adulta, mais pulsões narcísicas precisam ser descarregadas, mas também alteradas pelo princípio de realidade. Ela comparou essa experiência a um jardim, o qual na infância, antes da repressão primordial, foi um local vasto e não explorado, que serviu de base para as construções das fantasias dos adultos. Assim como o substrato da terra que nutre constantemente o imaginário, de alguma forma esses elementos foram alterados devido ao desenvolvimento da libido. Mas eles se revelam apenas ao analisar as raízes desse jardim, o narcisismo do sujeito. Algo dessa experiência primitiva de unidade entre o sujeito e o mundo permanece constante, de modo que o verdadeiro narcisismo continuaria presente nas raízes psíquicas da fantasia, mas encontraria formas criativas de aparecer. O artista seria privilegiado nestas circunstâncias, assim como teria maior acesso a esse estado por meio da criação, uma ação psíquica intimamente ligada à fantasia. Portanto, para Andreas-Salomé (1975),

[...] quanto mais forte fosse o papel subsequente desempenhado pela fantasia, mais substância frequente haveria na base subjacente de fato. E vice-versa, quanto menos as experiências primitivas se revelassem como produto da fantasia – no sentido de serem diretamente transferidas para a libido do objeto posterior – menos seria realmente deixado delas, pois teriam sido descarregadas e dissolvidas no processo. Para mim, é claro, isso está estritamente ligado à consideração de que a libido narcísista original, quando forte e persistente, é por isso mesmo restringida à atividade da fantasia (quer isto se expresse no chamado trabalho criativo, quer assuma formas mórbidas), e de que, por outro lado, precisamente esta libido narcísista preserva seu único e indestrutível núcleo real (sua fonte inexaurível de juventude) na experiência primitiva. De fato, é muito característico do narcisismo que tanto a realidade como a fantasia devam assumir igual importância e não sejam sentidas como opostas (p. 120).

Quando Lou formulou a existência de um duplo destino da libido, ela indicou um retorno a um estado anterior, o narcisismo original. Nesta época, Freud estava trabalhando em uma ideia de retorno semelhante, mas fazendo referência a um estado inorgânico, no qual o sujeito buscaria a ausência de estímulo. Na carta do dia 02 de março de 1919, Freud (1975) escreveu para a amiga contando que havia abandonado sua metapsicologia por causa da natureza fragmentada do seu trabalho, a qual ainda não lhe permitia uma elaboração sistemática. Entretanto, se sobrevivesse à guerra, e também à miséria de sua família, continuaria a oferecer novas contribuições teóricas em um ensaio intitulado *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2020).

Caropreso (2020) comenta que a introdução do segundo dualismo pulsional, principalmente o conceito de pulsão de morte, gerou uma série de controvérsias nos meios psicanalíticos. Sendo um retorno a pressupostos básicos⁴⁰ que haviam sido descritos no *Projeto* (1950[1895]/1996), em 1920 Freud deu continuidade a ideias que haviam sido deixadas de lado. Na tentativa de fundamentar a hipótese de que para o psiquismo o princípio de prazer seria o mais fundamental, Freud (1920/2021) recorreu às neuroses traumáticas e outros fenômenos que apresentavam repetições de situações desprazerosas. Com base neles, o autor defendeu que haveria um funcionamento psíquico precoce que não obedece ao princípio de prazer. Caropreso (2020) ainda argumenta que Freud ampliou o conceito de pulsão ao afirmar que esta não diz respeito apenas à vida psíquica, e sim à totalidade do ser vivo, uma vez que consiste em um esforço do orgânico vivo para a reprodução de um estado anterior.

Nesse sentido, a pulsão de morte caracterizaria a tendência ao retorno ao estado inorgânico, tendo em vista que a meta de toda vida é a morte. Ao buscar o inorgânico, o corpo pretende livrar-se de toda a excitação a fim de voltar para o momento no qual não havia estímulos, fossem eles internos ou externos. De acordo com Laplanche e Pontalis (2016), Freud manteve a ideia de um conflito pulsional e colocou as pulsões de morte como contraponto às pulsões de vida, as quais passam a abarcar as pulsões de autoconservação e as sexuais. Assim, solucionavam-se os impasses do primeiro dualismo pulsional, que se apresentava desde *Introdução ao narcisismo*, apresentando uma nova concepção para a compreensão do conflito mental.

Apesar de o texto apresentar diversas lacunas, as quais, vale notar, foram reconhecidas por Freud, seu novo dualismo pulsional foi mantido. As novas hipóteses não agradaram grande parte da comunidade psicanalítica, inclusive Andreas-Salomé. Desde 1913 a psicanalista se opunha à ideia proposta por Ferenczi sobre uma “tendência de morte”, não foi diferente com a nova teoria de Freud (Castro, 2021). Ela expressou sua opinião na carta do dia 26 de dezembro de 1920, redigida após Freud ter publicado *Além do princípio do prazer*:

Quanto as ideias sobre vida e morte, desenvolvidas a partir disso, posso dizer, por estranho que pareça, que concordo com elas e que, por outro lado, me encaminho na direção oposta. Pois, na medida em que a ‘morte’ e o estado de tornar-se inorgânico em último recurso só podem

⁴⁰ No *Projeto*, texto desconhecido pela comunidade psicanalítica até 1950, Freud esboçou a hipótese de um princípio básico do funcionamento mental, o princípio de inércia. O que o autor descreveu neste momento foi uma tendência para descarregar toda excitação da forma mais direta possível a partir do movimento reflexo. Essa ação, todavia, não seria capaz de descarregar os estímulos do interior do corpo. Por isso, o sistema nervoso abandonaria a tendência originária à inércia e, por conta da preservação da vida, começaria a atuar com um mínimo de energia para o funcionamento do organismo. Dessa maneira, o princípio de inércia abria o caminho para a tendência à constância, a qual tem como característica manter uma excitação constante, que opera no nível energético mais baixo possível (Caropreso, 2020).

ser apreendidos em termos biológicos, até certo ponto continuam a ser uma imagem derivada do mundo exterior. Assim como a ação da vida pode ser vista como uma simples jornada para a morte, por mais ou menos paradoxal que isso possa parecer, assim, vice-versa, a tendência ao regresso elementar à condição primitiva de descanso pode ser encarada como um retorno à base da vida (Andreas-Salomé, 1968, p. 142).

De acordo com Castro (2021), o retorno a um estado sem estímulos seria um movimento vital para a autora, e por isso ainda atuaria como uma tendência à vida. Em *Carta aberta à Freud*, Andreas-Salomé (1931/2001) apresentou suas concepções em maior detalhe, propôs que o que consideramos vida ou morte indica apenas o ponto de vista de quem observa. Cromberg (2023) complementa o que é dito pela autora argumentando que aquilo que admitimos como tendência ao inorgânico diz mais respeito à impossibilidade de se pensar a morte de outra maneira. Na prática, a proposta de Andreas-Salomé consistia em associar essa ideia ao conceito de infamiliar formulado por Freud: por detrás do que entendemos como uma tendência ao inorgânico ainda existiria vida, desejo e busca por prazeres que remetem ao verdadeiro narcisismo. De acordo com Andreas-Salomé (1931/2001), a associação do retorno ao inorgânico à morte era o resultado da incapacidade de compreender a complexidade do fenômeno. Neste contexto, a concepção da morte como paralisação e inércia representaria tão somente uma interpretação ocidental do término da vida. A repetição, a doença, a mágoa e o esgotamento seriam traduções simples de uma “vontade de alguma coisa”, a qual a psicanálise interpretava como tendência ao retorno ao inorgânico. Portanto, a aproximação desses fenômenos com a morte ou inércia ilustraria apenas uma percepção do movimento psíquico. Seguindo essa linha de raciocínio, Lou esclareceu que, em sua concepção, a morte seria um movimento vital e, desta forma, uma expressão da própria vida, uma dupla expressão do narcisismo.

Por outro lado, Andreas-Salomé (1931/2001) estava de acordo com a hipótese freudiana segundo a qual a criança tenta desviar de um obstáculo por meio da onipotência de pensamentos, de algo que poderia destruí-la. Nestas circunstâncias, a criança não só admite a morte, como se coloca no mundo como um ser mortal, e com o apoio das representações culturais esse sentimento seria compreendido como terror. Com o envelhecimento, essa realidade se aproxima e o sujeito se afasta do mundo para “voltar ao resto” (Andreas-Salomé, 1931/2001, p. 62). Esse retorno a uma experiência estritamente inconsciente caracterizaria uma experiência de fusão com o todo, uma expressão da própria vida. Nas palavras da autora:

[...] assumindo a vida o papel da morte; a morte o da vida: o princípio de dissolução do eu, de extinção da consciência contida no Eros estava a serviço da tendência de morte, até que a individualização dos seres,

uns em relação aos outros, centrada sobre o eu e ávida de poder, servisse a afirmação da vida (Andreas-Salomé, 1931/2001, p. 63).

Tendo em vista que, para Andreas-Salomé, o verdadeiro narcisismo consistia justamente nessa união entre o eu e o todo, esse retorno a uma experiência distante da individualidade ilustraria um regresso ao narcisismo, que nunca foi abandonado, mas permaneceu mascarado pelo princípio de realidade (Cavallo, 2023). A morte, então, poderia ser compreendida como uma regressão do sujeito à natureza, um estado distante da formação do eu e da consciência. À medida que o sujeito envelhece, ele perde objetos no mundo externo, e o retorno da libido para o eu também implicaria um retorno a essa experiência narcísica. Castro (2021) complementa essa ideia dizendo que, segundo a hipótese de Andreas-Salomé, a extinção da consciência, a anulação e a inércia seriam uma representação da vida. Em contrapartida, o eu e a consciência buscariam apenas a autoafirmação da sua própria existência e, devido a isso, causariam a destruição. Assim, a relação entre morte e vida inevitavelmente continuaria oculta.

Tanto Castro (2021) quanto Cromberg (2023) indicam a hipótese de que *Narcisismo como dupla direção* apresenta o ponto de vista de Andreas-Salomé a respeito do segundo dualismo pulsional e da pulsão de morte. A argumentação da autora neste texto é a de que existiria uma dupla tendência para o narcisismo, e esse retorno em busca de uma ausência de estímulos retrataria o anseio de retornar ao estado de unificação com o todo, ao qual o sujeito abriu mão em favor do desenvolvimento da libido.

5. Narcisismo como Dupla Direção

Na carta enviada para Freud no dia 15 de janeiro de 1915, Andreas-Salomé (1975) já esboçava suas primeiras considerações sobre o narcisismo, as quais se diferenciam da concepção freudiana desde o início. Naquele mesmo ano, a psicanalista escreveu *Anal e sexual*, e a partir deste texto sua teoria começou a ganhar um contorno próprio. Na perspectiva de Andreas-Salomé, o início da vida psíquica seria permeado por um sentimento de unidade, o verdadeiro narcisismo, do qual o sujeito precisa abrir mão em virtude do desenvolvimento da libido. Embora não tenha teorizado em um texto específico a respeito do que seria essa unidade psíquica, ao longo de toda sua obra a autora deu pistas sobre o que ela designou como unificação primordial.

5.1. A unidade psíquica, o narcisismo originário e o Todo pulsional

Em *Carta aberta à Freud*, Andreas-Salomé (1931/2001) afirmou que a conexão com o Todo, com a natureza, começaria na vida intrauterina. De acordo com a perspectiva da autora, o início da vida psíquica ocorreria antes mesmo do nascimento, uma vez que a conexão previamente estabelecida com a mãe, através do cordão umbilical, já representaria essa ligação entre o sujeito e uma experiência maior que aquela do si mesmo. Nas palavras de Andreas-Salomé (1933/2001): “O ‘Eros jamais tem fim’: se ele não se rebenta nas ondas impetuosas da paixão, tampouco faz com que sintamos menos os seus efeitos, ao assegurar nossa coesão com o todo no ventre da mãe, e jamais o cordão umbilical será definitivamente cortado” (p. 47). A afinidade do narcisismo como o feminino se expressaria na condição de que o amor por si e o sentimento de unidade psíquica se encontram vinculados ao reservatório materno, metaforizado pelo bebê ligado à mãe, em um momento que não existe uma separação física entre o ser humano e o mundo externo (Cromberg, 2023).

Bialer (2023), afirma que essa concepção de união permeia toda a teoria de Andreas-Salomé, pois mesmo após a quebra do sentimento de unidade, a partir do registro de proibição da fase anal, o ser humano continuaria em busca de um tipo de conexão com a experiência de totalidade. Dessa maneira, o início da vida psíquica seria permeado por essa ideia narcísica de unidade entre o sujeito e a natureza, uma experiência corpórea na qual a criança não elaborou o seu próprio eu e nem tinha o registro do mundo externo. Andreas-Salomé (1933/2001) deixou claro que não existe angústia de separação nesse momento da experiência de totalidade, as contradições coexistem e seria apenas durante o desenvolvimento da libido que a distinção entre

o Ser universal e o Ser do eu ocorreria. Para a autora, o Ser universal consiste nessa representação do sentimento de unidade psíquica que engloba o sujeito e a natureza, representado pela ligação intrauterina entre o bebê e a mãe. Já o Ser do eu seria desenvolvido durante a infância, resultando da cisão entre o sujeito e o resto, como uma borda que distingue o eu e o outro.

A concepção de uma unidade psíquica ou Todo pulsional (místico), como Bialer (2023) indica, pode ser compreendida como uma descrição fenomenológica do prazer de estar conectado a uma experiência de dissolução entre o eu e o mundo, o sentimento oceânico. Em *Narcisismo como dupla direção*, Andreas-Salomé (1921/2021) relacionou a experiência do estado originário, ou da unidade psíquica, com as raízes de uma planta: permanecem fincadas na terra, e continuam dessa forma mesmo quando a planta cresce na direção oposta. Esse paralelo foi usado para exemplificar o fenômeno da dupla tendência narcísica, hipótese central de Andreas-Salomé sobre o narcisismo. Para a autora, essa tendência dupla se refere à identificação original com o todo, demarcando o que seria a primeira direção, enquanto a libido do eu determinaria a segunda. Assim como sucede com as raízes da planta, a ideia de uma unidade psíquica⁴¹ permanecerá durante toda vida do sujeito, mesmo com o desenvolvimento da libido, em analogia ao crescimento da planta em direção à luz.

Em outra interpretação do mito de Narciso, Andreas-Salomé (1921/2021) propôs que o herói do espelho não olha apaixonado para sua própria figura, mas para o espelho da natureza. Ele não vê a si mesmo, e sim todo o resto, a natureza como um todo, sem o contorno da sua imagem:

Consideramos que o Narciso da lenda não está diante de um espelho artificial, e sim da natureza. Talvez não esteja vendo apenas a si mesmo na água, mas a si mesmo como tudo o mais, e talvez não tivesse ele ali se detido, mas fugido? Não é fato que desde sempre paira sobre o seu rosto, ao lado do êxtase, a melancolia? Como esses dois se unificam? Felicidade e luto, o que foi roubado de si mesmo e o que foi rejeitado, a entrega e a afirmação de si: isso é algo que se traduz em imagem somente ao poeta (Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 30).

Lou se referiu ao poema de Rilke em nota de rodapé para justificar sua hipótese do verdadeiro narcisismo. Em sua concepção, a sensação de dissolução se traduz somente para o poeta quando ele diz: “Lá não é amado. Lá embaixo/ nada mais é do que a indiferença de pedras apressadas” (Rilke, 1913 *apud* Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 58). A diferença entre o verdadeiro narcisismo de Andreas-Salomé e o narcisismo primário de Freud consiste no entendimento de que o estado de unidade originária estaria distante da concepção de uma libido

⁴¹ Registro desse momento do desenvolvimento no qual as pulsões do eu e as sexuais ainda não se distinguiram.

no eu, pois a experiência é a de um retorno ao sentimento de unidade psíquica, o verdadeiro sentimento oceânico.

Cromberg (2023) assinala que desde o nascimento o bebê se depara com a ambivalência dos ganhos e das perdas, da vida e da morte, já que ele emerge da mesma substância do universo – o Todo pulsional (místico). À medida que a criança se distancia desse estado e começa a desenvolver a percepção de si como ser diferenciado, ela vive o luto do que perdeu na experiência de dissolução inicial. A experiência relatada por Rilke no poema ao qual Andreas-Salomé se referiu também ressaltaria a percepção do rompimento com esse estado, notadamente nos seguintes versos: “Isso se eleva de mim o tempo todo/ Eu não quero ir, eu espero, eu permaneço/ mas todos os meus limites têm pressa, / subvertem para fora e já estão lá” (Rilke, 1913 *apud* Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 58). A hipótese de Andreas-Salomé (1921/2021) é a de que o ser humano deseja retornar à experiência de totalidade. Mas, como seria preciso abrir mão dessa experiência por causa do desenvolvimento da libido, este percebe e sofre com a ambivalência da perda. Por conseguir entrar em contato com essa experiência e retornar, o artista consegue traduzi-la através da arte.

Em *Anal e sexual*, Andreas-Salomé (1915/2022) argumentou que o rompimento do estado de unidade psíquica ocorre de maneira significativa na fase anal, quando o sujeito começa a reconhecer a existência do mundo externo e a proibição por parte dos cuidadores. Entretanto, apenas em *Narcisismo como dupla direção* a autora teorizou sobre o conflito dessa percepção diferenciada de si. Esse movimento pode ser chamado de transitivismo, momento no qual o eu-outro se confunde, ao passo que a identidade perdida é considerada um estado de não diferenciação, semelhante ao desamparo conforme Cromberg (2023).

De forma didática, na primeira parte do texto sobre o narcisismo Andreas-Salomé (1921/2021) trouxe o caso de um paciente no qual ela observou o progresso do tornar-se eu, fenômeno que a autora caracteriza como um duplo evento de perda e aquisição. O menino, sem idade explicitada no texto, chegou ao seu consultório devido à mudança brusca de comportamento: de afetuoso e confiante transformou-se em choroso e irritado, principalmente em relação à mãe. A autora associou a mudança ao fato de que o menino parou de falar sobre si mesmo em terceira pessoa e o “eu” passou a fazer parte da linguagem, como o nascimento doloroso de um dente. Seu eu aparecia relacionado apenas a atitudes ruins – “eu mau” –, enquanto as atitudes afetuosas continuavam associadas à terceira pessoa – “menino bom de novo” –, demonstrando um nascimento agressivo do eu (Andreas-Salomé, 1921/2021). Paralelamente a isso, a criança inseriu um personagem para acompanhá-la nas ambivalências afetivas, Maio, que a complementava conforme fosse necessário. Na tristeza, alegria, vida,

morte, bem ou mal, Maio surgia para consolar a mudança brusca de realidade. A psicanalista atribuiu esse comportamento à abnegação de quem ainda não possui a posse de si. Meses depois, o “menino” se retirou definitivamente e a aflição constante desapareceu. Andreas-Salomé (1921/2021) concluiu que a angústia dessa criança estava relacionada ao fato de ela ter se sentido abandonada em relação ao próprio isolamento do eu, como se o mundo externo estivesse constantemente a provocando. A compreensão dessa perda de identidade é semelhante à interpretação do fenômeno que Andreas-Salomé indicou em sua leitura a respeito do mito de Narciso: o personagem sentiu êxtase e melancolia ao olhar no espelho, como se conseguisse enxergar a ambivalência de pertencer e perder o estado de unidade primordial (Cromberg, 2023). Reconhecer-se como limitado a um eu significaria, ainda, abandonar tudo que está para além da imagem de si mesmo (Bialer, 2023).

De acordo com a concepção de Andreas-Salomé (1921/2021) sobre a dupla via narcísica, uma direção corresponde aos registros corporais desse estado original perdido, enquanto a outra se refere à libido do eu, que continua a se desenvolver no sentido dos objetos ao longo das fases pulsionais subsequentes. Segundo Pilar (2009), nessa cisão entre o eu e o resto, o interior e o exterior, reside a angústia do desamparo, pois o narcisismo originário seria o lugar seguro de unidade, ao qual, inconscientemente, o sujeito procura voltar. Conforme a libido se torna uma característica consciente do eu e cada vez mais individualizada, haveria mais angústia envolvida por conta do recalçamento da primeira via narcísica (Andreas-Salomé, 1921/2021). Dessa maneira, com o nascimento do eu e o distanciamento da experiência de totalidade, seria criado um limite entre o sujeito e o resto. Não obstante a elaboração desse limite, o desejo de recuperar a sensação de unidade sempre retornaria, pois a fronteira estabelecida pelo recalque não conseguiria conter todos os registros afetivos da experiência de totalidade. Referindo-se à tentativa do eu de reprimir e contornar toda essa representação, com tom de ironia que lhe é característico, Andreas-Salomé (1921/2021) comentou que “se supõe [que] um mar deve se conformar com um leito demarcado de um rio” (p. 28). O sofrimento de se perceber como algo delimitado é o retrato da própria história de Andreas-Salomé (1921/2021), que relatou sentir certa estranheza ao se reconhecer no espelho: ao tomar consciência da própria imagem, percebeu a si mesma como excluída de todo resto, sem pátria, distante do Todo que antes havia lhe oferecido acolhimento. Assim, mais uma vez, a teoria e a história da autora se encontram.

Pilar (2009) considera que a ideia de uma unidade psíquica elaborada por Andreas-Salomé é semelhante à posição monista assumida por Jung, que defendia uma única energia universal. Entretanto, para Andreas-Salomé (1915/2022), a libido é sempre uma energia sexual,

e a admissão desse postulado é o que a aproxima de Freud, muito embora a autora considere a libido como parte do estado unitário originário no qual as pulsões do eu e as sexuais ainda não estão distinguidas, como argumentou em *Anal e sexual*. Já no texto *Narcisismo como dupla direção*, Andreas-Salomé (1921/2021) concordou com Freud (1914/2010b) sobre a maior facilidade de observar o narcisismo em crianças e pessoas doentes, a exemplo do adoecimento da psicose. Uma vez que o psicótico perde sua capacidade de transferência e investimentos objetais, as quais só são possíveis a partir do eu, a regressão se lhe impõe ao ponto de experimentar o Todo de forma pura. A dupla tendência narcísica se desequilibra e, assim, tende apenas para um lado.

Pereira (2016) argumenta que o narcisismo proposto por Andreas-Salomé representa tanto a fusão quanto a separação: como a planta que cresce para cima, em referência ao movimento da libido, as raízes, vistas como a ilustração da unidade original, não deixam de continuar se desenvolvendo e se desligando parcialmente para investir no mundo externo. Pereira comenta ainda que, para Andreas-Salomé, a dupla tendência não é somente um conceito abstrato, mas uma figuração da tendência bipolar característica do narcisismo, a saber, a melancolia e o êxtase de Narciso.

Ao passo que o narcisismo trilha sua segunda tendência – em direção à libido do eu e à objetal –, a libido busca tornar o objeto um substituto da sensação de unidade que foi perdida. Neste momento, as duas direções do narcisismo se conectam, e o sujeito busca inconscientemente retornar à experiência de totalidade (Andreas-Salomé, 1921/2021). Como Freud (1905/2016) formulou em *Três ensaios*, todo encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro. Em sua própria teoria, Andreas-Salomé (1921/2021) escreveu:

Em última análise, todo objeto é representante – no sentido estritamente psicanalítico da palavra – enquanto “símbolo” para a abundância inexprimível daquilo que está inconscientemente conectado a ele. No âmbito da libido, nenhum investimento objetal possui outra realidade senão a simbólica. O prazer que se refere a ela assemelha-se ao que Ferenczi certa vez descreveu como o “prazer do reencontro”: “a tendência de redescobrir o que se tornou amado em todas as coisas do mundo exterior hostil é provavelmente também a fonte da formação do símbolo”. [...] É fundamentalmente válida a visão psicanalítica de que os objetos de amor posteriores são transferência dos primeiros. “Objeto da libido” significa ser transferido de uma unidade sujeito-objeto ainda indivisa em uma imagem externa pontual (p. 32).

Bialer (2023) complementa esse debate ao dizer que Andreas-Salomé sempre insiste na conceitualização do narcisismo que remete a uma conexão energética e simbólica com o mundo. Esse investimento do eu equivaleria à noção de “eu + outro + mundo”, reunindo, assim, a dualidade narcísica.

Ao comentar sobre o movimento narcísico e o recuo em relação ao eu, isto é, o momento em que essa instância ainda não irrompeu completamente, Andreas-Salomé (1921/2021) disse que neste ponto o narcisismo ainda não se “masculinizou tão a fundo no distrito do eu” (p. 32), relacionando a agressividade do eu ao masculino. Dessa forma, a autora estabeleceu a primeira direção do narcisismo como mais próxima do feminino e equivalente a todas as potencialidades sexuais do corpo. No que se refere à construção do narcisismo da mulher, descrito por Freud (1914/2010b) em *Introdução ao narcisismo*, Andreas-Salomé atribuiu um caráter de positividade ao narcisismo a partir do feminino. Utilizando a metáfora da conexão mãe-bebê durante a vida intrauterina para explicar a sensação de totalidade experienciada pelo psiquismo, a psicanalista vinculou diretamente o amor de si ao reservatório materno (Astor, 2018; Schwartz, 2000; Pereira, 2016; Cromberg, 2023). Nesse caso, a sensação corpórea do estado original de unidade psíquica remeteria diretamente ao corpo da mulher. Partindo disso, Andreas-Salomé (1921/2021) teorizou que no parto a mulher coloca um filho de si mesma no mundo, e ao atuar como a pessoa que vai gerar, nutrir e educar a criança, ela se aproximaria do narcisismo original na experiência bissexual de ser a unidade psíquica para o recém-nascido.

Livingstone (1984) aponta como a leitura de Andreas-Salomé sobre a feminilidade é semelhante à ideia de plenitude, e por isso também relacionada ao verdadeiro narcisismo. De acordo com o autor, a justificativa de Lou para essa afirmação está na metáfora do óvulo⁴², que não necessita de movimentação para encontrar sua totalidade. Conforme Lorenzoni (2020), a psicanalista teoriza a diferença entre os sexos de maneira especulativa e, desde *A humanidade da mulher*⁴³, tenta fundar uma superioridade existencial feminina. Ao contrário do status de incompletude conferido à mulher, Andreas-Salomé propôs que o feminino não denuncia a falta, e sim a autonomia, inclusive em termos biológicos. A proximidade com o verdadeiro narcisismo ofereceria para a mulher a capacidade de desenvolver a felicidade a partir de si mesma. Nessa lógica, feminino e masculino não são duas metades complementares, mas maneiras diferentes de estar no mundo, sendo o masculino inferior, pois necessita de maiores agenciamentos. Assim, a autonomia feminina proporcionaria à mulher a possibilidade de fazer escolhas de maneira mais livre e criativa.

⁴² De acordo com Lorenzoni (2020), a teoria fisiológica que influenciou Andreas-Salomé foi a da obra *Elementos fundamentais da fisiologia humana*, de Johannes Ranke [1836-1916]. A hipótese da época era a de que a célula masculina (espermatozoide) se movimenta, e Andreas-Salomé interpretou esse movimento como uma insatisfação constante que sempre coloca novos objetivos. Já o óvulo permaneceria estático, sendo representado por um círculo.

⁴³ 1899.

Em paralelo com essa ideia, e associada à hipótese da inveja que a mulher sente do pênis, Andreas-Salomé (1921/2021) observou a existência do homem que deseja dar à luz a si mesmo, já que a experiência da masculinidade, assim como aquela do rompimento do eu, pode ser muito agressiva. Dessa forma, o psiquismo desejaria retornar ao estado de unidade a fim de fugir da angústia, e o homem fantasiaria a gestação de si mesmo e do respectivo narcisismo original sem ambivalência, o Todo pulsional. Portanto, nesta perspectiva, o homem também sentiria inveja da posição feminina.

Com o desenvolvimento da libido e a chegada na fase genital, mais distante do período narcísico, e já com domínio da linguagem, as escolhas objetais narcísicas permaneceriam, mas também abririam espaço para escolhas objetais sublimadas, as amizades. Andreas-Salomé (1921/2021) argumentou que, na amizade, principalmente naquelas entre sexos diferentes, existe um componente sexual, como há em toda relação; a diferença é a de que este componente não pertenceria originalmente ao amigo, mas ligou-se a ele posteriormente. Assim, o curso da pulsão escapa ao propósito sexual de descarregar no corpo, ou buscar um objeto sexual, a fim de se satisfazer fisicamente. Ela, a pulsão, encontraria na amizade um tipo de contentamento em diferentes objetos, o qual seria culturalmente aceito. Na concepção de sublimação proposta por Andreas-Salomé, o destino da pulsão sempre é, em última instância, sexual. Trata-se de um acordo entre a subjetividade do mundo interno e a objetividade exigida pelo mundo externo. Na satisfação pela amizade, a libido seria reprocessada e vinculada com mais objetos, os quais estariam permanentemente associados à fonte sexual, mas não seriam necessariamente considerados eróticos. Wang (2000) indica, então, que a formulação apresentada por Andreas-Salomé sobre a sublimação especifica que esse processo visa descarregar o estímulo e obter uma forma de satisfação socialmente aceita, ainda que sem renunciar ao caráter sexual. Nas palavras de Andreas-Salomé (1921/2021):

Nosso velho autoerotismo, uma vez espalhado por todo corpo da criança, simplesmente conseguiria no esforço da sublimação subir gradativamente dos membros à cabeça, como um verdadeiro “deslocamento de baixo para cima”. Entretanto, a partir desse trampolim, o autoerotismo consegue dar aquele salto poderoso que renova o significado da libido para a vida cultural em geral, o salto da libido corporal para o mundo das ênfases objetivas (p. 36-37).

Schultz (1994) afirma que este seria um tipo não repressivo de sublimação, pois mantém o caráter sexual infantil. Assim, o sujeito busca criativamente descarregar o êxtase mais primitivo, quer seja através das amizades, quer seja por meio atividades culturais.

5.2. Narcisismo e ética

Antes de se dedicar à análise da parte criativa do narcisismo, Andreas-Salomé (1921/2021) retomou alguns argumentos da psicanálise freudiana para explicar a questão dos ideais. Tal como Freud (1914/2010b) defendeu em *Introdução ao narcisismo*, os ideais são herdeiros do narcisismo primário, uma parcela da libido ainda vinculada à realização narcísica que a criança desfrutou. Por conta disso, estão relacionados à superestimação do sujeito, no caso, o Eu Ideal, e à inserção de uma instância reguladora e moral com um ideal de perfeição, isto é, o Ideal do Eu. Andreas-Salomé (1921/2021) estava de acordo com a formulação freudiana, a qual corresponde a sua segunda direção do narcisismo, entretanto, a autora propôs complementações sobre questões religiosas, morais e éticas.

Astor (2018) discorre sobre o impacto da religião na vida de Andreas-Salomé. A autora relacionou sua relação com Deus e seu narcisismo primário em sua autobiografia (Andreas-Salomé, 1985), ao passo que os desdobramentos dos ideais narcísicos ganharam um capítulo exclusivo em *Narcisismo como dupla direção*. Para Andreas-Salomé (1921/2021), a valorização e a validade simbólica são consequências da conscientização de certos impulsos narcísicos infantis. Todo problema de valor teria relação intrínseca com a libido, e toda superestimação de valor, inclusive do valor próprio, seria sexual. Entretanto, a autora aproximou a representação do valor próprio à crença de que nada é impossível em razão da ação de Deus. Essas percepções estariam vinculadas ao narcisismo sublimador, à pulsão narcísica que consegue encontrar descarga em algo culturalmente aceito. A religião seria, então, uma maneira possível de satisfazer a onipotência de pensamentos. Andreas-Salomé ainda afirmou que nada é convincente o suficiente se não possuir ligação direta com o narcisismo, o que faz com que este também seja necessário para associar o sujeito com a vida.

Toda metafísica aspira a colocar o “ser” em concordância com Deus, como um princípio de valor absoluto. Nessa medida, é verdade que ela não é apenas narcisicamente condicionada em seu modo de pensar, mas é em si mesma a imagem reflexa, filosoficamente processada, da aliança entre narcisismo e objetividade. Talvez esse duplo estado de coisas emerja mais diretamente na questão do valor da vida, pois só por meio da vida e graças a ela o valor se torna uma questão. Simultaneamente, o valor da vida é o próprio valor do narcisismo (Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 39).

Com a ironia característica de sua escrita, Andreas-Salomé justificou o valor da religião, mas o associou ao narcisismo e ao impulso de descarregar a libido de uma maneira adaptada às exigências culturais, a qual a autora chamou de objetividade cultural. Então, simbolicamente, a religião seria consequência dos ideais e uma das formas possíveis de viver o narcisismo. Sempre

alinhada aos desejos narcísicos, a decisão sobre quais normas serão internalizadas e imitadas está diretamente ligada à formação do mundo interno, assim como à introjeção das figuras de cuidado que se tornam modelos a serem seguidos. Semelhante a proposta elaborada por Freud (1915/2021) sobre os destinos da pulsão, a relação entre amor e ódio, mundo interno e mundo externo, a criança em um primeiro momento rejeita e odeia completamente o mundo externo e posteriormente introjeta o que é coerente com suas vivências narcísicas. Dessa maneira, os modelos religiosos sempre têm relação com as primeiras figuras de cuidado. No entanto, Andreas-Salomé (1921/2021) argumentou que também seria tarefa do narcisismo o discernimento do que é pessoal e consistente com as experiências e desejos individuais diante de qualquer modelo cultural recebido. Essa tarefa teria como objetivo construir a autonomia de valor do sujeito, afastando-o da passividade infantil.

A partir dessa construção, Andreas-Salomé (1921/2021) indicou que a autonomia ética forma um compromisso entre comando e aspiração. Isto é, entre as concepções do Eu Ideal – a rigidez do que acreditamos que devemos ser – e as perspectivas do Ideal do Eu – a severidade resultante dos valores internalizados. Para a psicanalista, diante dos valores rigorosos culturais esse conflito seria nítido, pois acabam gerando um duelo entre dever e desejo, ou ainda, religião e ética. A relação da angústia neurótica com a megalomania narcísica consiste na grande ambição ética consequente dos ideais, a qual não consegue ser realizada. A culpa surgiria do impasse entre aquilo que o sujeito gostaria de ser e o que conseguiu se tornar. Segundo Bieler (2023), é preciso suportar a frustração para abrir uma nova possibilidade para o narcisismo criar em conformidade com o que o sujeito verdadeiramente é, e não de acordo com aquilo que esperam dele. Sobre esta questão, Andreas-Salomé (1921/2021) inferiu que:

Além do sentimento de culpa relacionado ao eu, às suas deficiências e ações, há também um sentimento similar de decepção com a vida e o mundo, do qual nos sentimos cúmplices. Não enfrentamos este sentimento farisaicamente ou mendigando como se fosse outra coisa. Junto a ele, somos feridos em um vínculo primitivo que sobrevive narcisicamente em nós. Naturalmente, isso expressa o mais infantil, em comparação com a consciência dirigida pelo eu, que carrega especialmente a preocupação com sua própria salvação espiritual e pode assim persistir (p. 45).

A autonomia ética encontra o narcisismo sublimador quando o sujeito consegue balizar os desejos subjetivos e as exigências culturais de forma criativa, podendo, assim, ser ético consigo mesmo. Andreas-Salomé (1921/2021) foi enfática ao relatar sua reverência ao fenômeno ético, visto que é preciso muita originalidade para equalizar desejo e dever. A noção de ética carrega as bases dos Ideais, as quais podem se assemelhar ao que a autora chamou de “estigma do sonhar”. Em outras palavras, o artista poderia executar seus desejos sonhando, mas,

o sujeito, com sua autonomia ética, colocaria isso em prática arriscando o sonho na realidade e delimitando as ambivalências entre interesse e lei. A ética, nesse sentido, confirma-se como a ética do desejo.

A tentativa de Andreas-Salomé de enxergar positivamente tudo o que envolve o narcisismo é nítida. Cromberg (2023) afirma que, teoricamente, inclusive com a proposta do narcisismo originário e do Todo pulsional (mítico), Lou tentou formular um sentimento de conexão existencial com o mundo e com a alegria de existir, ambas coerentes com a sua maneira de pensar e viver. Cromberg reitera, ainda, como Andreas-Salomé buscou transformar o niilismo e a pulsão de morte em pulsão de vida, um movimento também observado por Castro (2021). A ideia de dupla tendência narcísica surge como uma alternativa para a explicação de um retorno ao inorgânico, o qual, para Andreas-Salomé, caracterizaria um retorno à indiferenciação e identificação original com o todo. Cromberg (2023) comenta que a dificuldade metodológica encontrada por Freud ao pensar em uma dimensão positiva do inorgânico se deve ao fato de ele ser demasiadamente dualista. Andreas-Salomé, por outro lado, concebeu uma proposta teórica que entende que a ambivalência está presente desde o início da vida psíquica através do Todo pulsional, no qual os sentimentos coexistem sem angústia. A realidade psíquica é intrínseca à fantasia e inicialmente seria desprovida de conflitos, estes só começariam a surgir no momento em que a criança se percebesse como diferente do todo, a partir do registro de “eca” da fase anal (Andreas-Salomé, 1915/2022).

5.3. Narcisismo e criação artística

Desde os registros no diário do ano em que estudou com Freud, Andreas-Salomé (1964) relacionou a potência do narcisismo com a criação artística. Dessa maneira, podemos dizer que esses são temas que se repetem com certa frequência nas anotações da autora e em sua vida pessoal. Astor (2018) aborda como o poema intitulado Narciso, escrito por Rilke, influenciou os pensamentos de Lou sobre a ligação entre criatividade e o narcisismo.

Enviado para a psicanalista em abril de 1913, o poema fez com que Andreas-Salomé começasse a pensar na contemplação recíproca entre o indivíduo e a totalidade. O relacionamento entre ela e Rilke havia terminado em 1901, mas, após receber o poema, eles se reencontram. Já tocada pela psicanálise, Andreas-Salomé continuou encorajando e analisando o trabalho do poeta, que seguiu angustiado com o doloroso sentimento de alteridade presente em toda sua obra. Rilke denominou as inquietações que impulsionaram sua escrita como “anjos”, e a percepção de abrigar um Outro radical dentro de si preocupou Andreas-Salomé.

Para lidar com a angústia de Rilke, ela buscou analisar e proporcionar esclarecimentos acerca da concepção de totalidade do narcisismo, na qual os sentimentos ambivalentes coexistem sem angústia. O poeta chegou a ir ao Congresso de psicanálise de Munique, em 1913, mas, embora tenha se aproximado de Freud, permaneceu refratário à ideia de uma análise. Pechota (2022) esclarece como a ampliação da compreensão do narcisismo como uma potência criativa tem clara inspiração em Rilke. A justificativa para a presença do poema ao fim do primeiro capítulo de *Narcisismo como dupla direção* já aponta para o argumento de Andreas-Salomé (1921/2021): “isso é algo que se traduz em imagem somente ao poeta” (p. 30). Dessa forma, a psicanalista introduziu a hipótese de que a criatividade seria uma reminiscência da primeira direção do narcisismo.

Diferentemente da vida prática e adulta, que necessita de uma busca ativa para entrar em contato com o narcisismo, a vivência do artista seria uma outra via para observar o fenômeno psíquico. A fim de esclarecer esse fenômeno, Andreas-Salomé (1921/2021) apresentou a relação entre narcisismo e memória. Segundo a autora, a memória se agarra à consciência de forma distinta das recordações inconscientes. Em referência a uma nota de rodapé presente em um trabalho de Freud (1915/2010b) intitulado *Inconsciente*, Andreas-Salomé (1921/2021) apontou que existem sistemas diferentes de “representações de objetos” e de “representações de palavras”. Esse indicativo lhe serviu para justificar a afirmação de que “memórias nós temos, recordações nós somos” (Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 48). Para Lou, conforme o desenvolvimento acontece, uma distinção entre os sistemas Consciente e Inconsciente ocorre. Desse ponto de vista, só as crianças e os povos primitivos teriam acesso às representações inconscientes sem o registro Pré-consciente e Consciente da linguagem. A vida infantil seria recalçada devido às proibições dos adultos e as recordações privadas da consciência, e por isso apenas alguns registros poderiam ser acessados após as associações de “coisa” e “palavra”. Para Andreas-Salomé (1921/2021), o artista seria capaz de regredir psiquicamente, driblar o recalçamento ao ponto de alcançar as sensações desse estado sem adoecer e, posteriormente, conseguiria colocar em palavras as recordações do narcisismo originário.

Pode-se até pensar que as recordações seriam influenciadas de maneira fatal pela memória das visualizações auxiliares impecáveis do passado, desorganizando-o e desintegrando-o em sua totalidade fundamental. Em certa medida, a recordação jamais é apenas uma realização “prática”, mas sempre um ato “poético”. Ela é, por assim dizer, o pedaço de poesia que guardamos em cada um de nós, o resultado e ao mesmo tempo a distância de um passado gerador e viabilizador de um panorama geral consciente, de uma atualidade e afetividade sempre renovadas, mesmo onde os dois não se juntam de maneira tão formativa como na obra do poeta. A poesia é a continuação do que a criança ainda vivia e que teve de sacrificar ao adolescente por sua prática existencial:

poesia é a recordação que se tornou perfeita (Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 49).

Wang (2000) indica que Andreas-Salomé concebeu a memória como uma forma de acessar as fontes primordiais das experiências de prazer. O autor ainda afirma que a concepção de memória da autora está diretamente ligada à noção do Todo pulsional e do narcisismo originário, sem a dicotomia entre o eu e a sexualidade, o eu e o outro. Nesse caso, o papel da memória consiste em acessar a recordação e colocar o eu em contato com o narcisismo recalçado, a fim de que o sujeito consiga se comunicar com a fonte primordial dos desejos humanos. Ainda de acordo com Wang, essa ideia está presente no diário de estudos com Freud sob o título “Técnica do sonho e do despertar – técnica poética”. A partir dessa ideia, Andreas-Salomé (1964) estabeleceu uma comparação entre a vida desperta, que é interrompida para permitir que o sujeito durma e se entregue à realidade onírica, e a relação de ruptura que a linguagem determina entre o passado e o presente. A serviço do princípio da realidade, a consciência subestima e mascara a vida onírica, assim como ocorre na associação entre o presente e o passado, quando a memória não é totalmente confiável. Isto ilustra a comunicação fragmentada entre os sistemas, já que a linguagem consciente e a dos sonhos são distintas. Dessa forma, a mensagem onírica, que é totalmente narcísica ao chegar ao eu, se vê frustrada pelo sistema consciente e racional. Wang (2020) comenta que nessa concepção as pulsões inconscientes são delineadas como narcisismo, e nisso haveria uma equivalência entre o Inconsciente e o narcisismo, que não se deixa dominar pelo eu.

Em *Narcisismo como dupla direção*, oito anos depois dos registros nos diários, Andreas-Salomé (1921/2021) escreveu que o artista é consumido pelo processo de criação e se volta para o seu eu. Entretanto, como Cromberg (2023) e Bieler (2023) apontam, a noção de eu para a autora consistiria na junção “eu + mundo + outro”. Nesse retorno à base comum da vida humana, à sensação de unidade psíquica, Andreas-Salomé estabeleceu que o artista se torna a sua própria obra, e assim revive a experiência do narcisismo original, semelhante à ligação do feto com sua mãe. Essa experiência, aliás, pode ser sentida como uma libertação do atordoamento neurótico do artista. Movimentar-se entre as duas direções do narcisismo traria a capacidade de reavaliar as questões culturais que tanto aprisionam as certezas da neurose. A este respeito, Cromberg (2023) evidencia como Lou aproxima o processo criativo da vivência onírica, a qual retrata uma experiência anterior à constituição do eu.

Em relação à criação artística e à feminilidade, Lorenzoni (2020) esclarece que a mulher, por acessar com mais facilidade os registros de unidade, e apresentar maior autonomia psíquica, teria mais potencial para se realizar artisticamente. Nessa perspectiva, o ser e o agir

coincidem com mais facilidade na experiência feminina, tal como se fosse da natureza psíquica da mulher acessar o verdadeiro narcisismo. Entretanto, devido ao silenciamento histórico sofrido, toda essa energia mental se descarrega em doenças ou distúrbios psíquicos. A proposta de Andreas-Salomé era de que as mulheres precisam produzir mais arte sobre si e para si, a fim de expandir a experiência narcísica e contornar os registros inconscientes para que eles não apareçam na cultura como doenças neuróticas. Logo, a criação e a ética se encontram com o narcisismo sublimador, visto que a experiência autêntica de ambos levaria à conexão da subjetividade interna com a objetividade do mundo externo (Andreas-Salomé, 1921/2021).

Castro (2021) explica como a busca da ética genuína encontra sua realização na experiência singular, no paradoxo entre o dever e o desejo. O artista, por outro lado, precisa passar pela vivência do universal para executar a sua obra. Este é o exemplo da dupla tendência narcísica: ora caminha em direção ao mundo interno, ora rumo ao mundo externo, mas sempre em busca da realização pessoal.

A respeito da criação artística, a questão que mais chama atenção na proposta de Andreas-Salomé (1921/2021) é a das condições nas quais o artista não se paralisa no adoecimento neurótico, mas retorna a um registro quase psicótico, visto que sua criação faz com que ele dê as costas ao eu. Em um movimento regressivo em direção à primeira via do narcisismo, o artista conseguiria acessar os registros inconscientes do sentimento de unidade psíquica. Ao contrário do psicótico, que adoece nesse lugar, o artista retorna e oferece contorno para essas sensações. O reconhecimento relacionado à vaidade humana seria secundário nesse caso, uma vez que a libido no eu corresponde a outra direção do narcisismo, que caminha para o mundo externo. A analogia com as raízes e o crescimento de uma planta foi um recurso didático utilizado por Lou para ilustrar a dupla direção do narcisismo. É como se o artista acessasse as raízes do psiquismo e retornasse para a luz do mundo exterior, conseguindo, a partir disso, gerar as flores.

Os crescimentos de dentro e fora estariam relacionados a todo momento: o narcisismo sublimador seria a forma como esses mundos coexistem, e, portanto, a produção na cultura deverá ser sempre fiel aos impulsos mais primitivos. Como a planta precisa de suas raízes para crescer, subjetividade e objetividade criativamente encontrariam uma maneira de se satisfazerem. De forma semelhante aos sonhos, nos quais o sujeito se desliga do mundo externo e retorna a si mesmo, a criação artística seria uma possibilidade saudável de viver os impulsos inconscientes. Sobre isso, a autora argumentou:

[...] é como se o criador pudesse novamente saborear o paraíso da infância – mas também o seu inferno. A alienação de nosso eu é

inofensiva apenas na nossa pequena psicose de todas as noites, nosso maravilhoso estado de criação noturna, o sonho, que já foi comparado tantas vezes à obra de arte primitiva. O que se assemelha ao sonho na criação é a enorme objetividade com que ele nos apresenta seu conteúdo, esbanjando, naquela que parece a mais caótica confusão, uma surpreendente força de moldagem, de configuração convincente. Porém, esse não é, em minha opinião, seu toque mais artístico, mas sim a capacidade onírica de fazer justiça a tantas coisas independentemente da nossa posição pessoal a seu respeito (Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 54).

Ender (2004) comenta que esse regresso ao estado de unidade não é necessariamente prazeroso. O argumento de Andreas-Salomé ressalta que no verdadeiro narcisismo tudo coexiste, mas sem a cisão do mundo externo, por isso não é sentido como angústia. Entretanto, ao retornar à unidade psíquica durante o processo criativo, o sujeito é capaz de revisitar os traumas infantis e conferir outros sentidos a eles. Nesse caso, poderia existir o risco de voltar ao estado de Narciso, como Rilke percebeu ao fim de seu poema⁴⁴. Ainda conforme Ender, a depender da experiência envolta no narcisismo originário, o retorno a esse registro pode ocasionar a dissolução do eu. Andreas-Salomé não se deteve muito nessa questão, visto que seu argumento se concentra em justificar as potencialidades do narcisismo. Pechota (2022) e Cromberg (2023) ressaltam que a psicanalista defende que na realização de uma obra ocorre um regresso ao polimorfismo originário, confirmado que a autêntica criatividade ocorre antes da elaboração do eu. Dessa maneira, o analista deve respeitar e considerar o trabalho artístico no processo analítico, justamente devido ao potencial autocurativo da arte.

Apesar de ser uma grande entusiasta da metapsicologia, Bialer (2023) aponta como Andreas-Salomé não situa sua obra detalhadamente diante da primeira construção do aparelho psíquico (Ics., Prcs. e Cs.), de modo que as instâncias são comentadas poucas vezes em seus trabalhos. Lou elaborou livremente suas impressões a respeito do narcisismo e o colocou no centro do debate para a compreensão do psiquismo. Como uma defesa da positividade narcísica, Andreas-Salomé (1921/2021) finalizou seu trabalho reafirmando como o narcisismo é capaz de driblar a angústia do recalçamento: embora necessário para a organização do eu, resulta em certo nível de angústia para o corpo, que não consegue viver suas possibilidades plenamente. Portanto, a união entre subjetividade e objetividade seria essencial para que o sujeito pudesse ter uma vida com mais realizações, mas sem ignorar a cultura e seus impulsos inconscientes. Essa visão de Andreas-Salomé pressupõe que a realidade e a fantasia têm significações idênticas, e representam bem as duas direções do narcisismo (Pardo, 2009).

⁴⁴ “nada mais é do que a indiferença de pedras apressadas,/ e eu posso ver como estou triste” (Rilke, 1913 *apud* Lou Andreas-Salomé, 1921/2021, p. 58).

6. Conclusão

Através das formulações de Andreas-Salomé apresentadas acima é possível perceber os desenvolvimentos teóricos da autora e a originalidade de suas hipóteses. Suas elaborações sobre o movimento da libido e a relevância do erotismo anal para a quebra do estado narcísico permitem perceber como a autora vai costurando sua teoria com base no que havia sido elaborado por Freud, indo além do que havia sido proposto pelo autor. A ideia de uma experiência de totalidade, o verdadeiro narcisismo, também marcou toda a sua proposta teórica e influenciou no movimento dual a partir do qual ela compreendeu o fenômeno narcísico, entre o interno e externo.

Em *Carta aberta a Freud*, Andreas-Salomé (1931/2001) comentou que sentia que sua vida aguardava a psicanálise, mas isso não a impediu de discordar de Freud em alguns pontos. Mediante a despatologização do narcisismo feita por Freud (1914/2010b) em *Introdução ao narcisismo*, a autora ampliou a compreensão desse fenômeno psíquico concebendo-o como um movimento da libido em direção ao eu, mas também como um reservatório do verdadeiro potencial criativo do ser humano (Andreas-Salomé, 1975; 1916/2022; 1921/2021).

Ao elaborar outro conceito de narcisismo, ao qual Andreas-Salomé (1916/2022) chamou de “verdadeiro narcisismo”, esse fenômeno como um estado no qual as pulsões do eu e as sexuais ainda não podem ser diferenciadas. Essa fase, que antecederia o surgimento de um eu consciente, é compreendida como um estado de unidade psíquica. Metaforicamente representado pela união entre mãe-bebê, ligados pelo cordão umbilical, Andreas-Salomé (1921/2021) estabeleceu uma relação entre o narcisismo e o feminino. Ao apresentar uma nova interpretação para a hipótese de Freud (1914/2010b) sobre o narcisismo da mulher, Lou aproximou o amor de si ao reservatório materno e à positividade dessa união. Lorenzoni (2020) comenta que essa é uma tentativa da autora de afirmar a superioridade do feminino em relação ao masculino, que é nítida desde seus textos pré-psicanalíticos e encontrou embasamento teórico na psicanálise através da sua interpretação sobre o narcisismo.

Nesse sentido, a fase anal seria o momento de quebra desse sentimento de unidade psíquica e de inserção do mundo externo, o qual pode ser um tanto hostil aos desejos inconscientes. Em *Anal e sexual* e *Psicossexualidade*, Andreas-Salomé (1916/2022, 1917/2022) explicou como o investimento objetal seria a tentativa do psiquismo de obter novamente a sensação de unidade primordial vivida no início da vida psíquica. Pechota (2022) aponta que Andreas-Salomé reconheceu e atribuiu uma posição muito mais nobre ao erotismo anal e à produtividade do narcisismo na arte. Ao acessar esse registro de unidade psíquica, o

artista conseguiria dar continuidade ao sentimento de unidade que a criança viveu, mas precisou sacrificar em nome do desenvolvimento libidinal.

Em *Anal e sexual*, Andreas-Salomé (1916/2022) também enfatizou a importância do ódio para o desenvolvimento psíquico. A hipótese da autora era a de que a criança só conseguiria constituir seu eu a partir da imposição do outro, o que faria com que a primeira reação diante do mundo externo fosse o ódio. Fundamental para a separação do sujeito em relação às figuras de cuidado, o ódio marca o momento inicial da fase anal. Diferentemente da relação de simbiose estabelecida até então entre o eu e o resto, nesse momento, surge uma brecha no narcisismo do indivíduo que proporciona a entrada do outro no jogo simbólico que vai marcar a vida do sujeito a partir de então. Cromberg (2023) complementa esse argumento ao dizer que o ódio viabiliza a expansão de si e a ocupação do mundo exterior.

Sobre esse tema, em *Narcisismo como dupla direção* Andreas-Salomé (1921/2021) comentou como o nascimento do eu é doloroso e acompanhado de certa agressividade. A experiência de totalidade traria algum conforto, visto que nesse momento os sentimentos ambivalentes coexistem sem angústia. É só com a separação entre eu e o outro e o reconhecimento do mundo externo que o sujeito começa a se perceber como um ser distinto e desamparado. Dessa maneira, quando se perde o sentimento de unidade, acontece o tipo de luto traduzido na poesia de Rilke sobre Narciso, em que o herói olha no espelho da natureza e se depara com o êxtase e a melancolia da vida, reconhecendo o que perdeu e o que ganhou nessa experiência dual. Assim, a dupla orientação do narcisismo se caracteriza pela total identificação com o todo, voltada ao mundo interno, e a direção à libido do eu, que caminha para o mundo externo.

Esse movimento narcísico foi estabelecido a partir de um diálogo de Andreas-Salomé com a hipótese do segundo dualismo pulsional. Como uma defesa da pulsão de vida, que só fica clara em *Carta aberta a Freud*, Andreas-Salomé (1931/2001) concebeu o retorno à indiferenciação do verdadeiro narcisismo como uma resposta ao conceito de pulsão de morte. Para a autora, a ideia de que existe uma tendência do psiquismo de retorno ao inorgânico, ou seja, de retorno a um estado inicial de ausência de estímulos e de vida, expressaria também um movimento vital. Assim, essa tendência descrita por Freud (1920/2020) em *Além do princípio do prazer* não poderia ser caracterizada como expressão de uma pulsão de morte, e sim como a primeira direção do narcisismo. Pardo (2009), Bialer (2023) e Cromberg (2023) consideram que a proposta teórica de Lou é coerente com seu modo de enxergar a existência, sempre envolvendo uma intensidade de vida, até no processo de destruição da morte. Andreas-Salomé (1931/2001) afirmou que a associação da falta de estímulos à morte seria apenas uma maneira

de pensar o fenômeno, algo que, em sua perspectiva, ressaltaria o regressar à indiferenciação inerente à experiência de totalidade.

A teoria de Lou Andreas-Salomé sobre o narcisismo busca constantemente estabelecer uma conexão entre a sensação de unidade e a experiência corporal. Nesse sentido, o corpo desempenha o papel fundamental de ser o principal conhecedor dos impulsos inconscientes, responsável por identificar os desejos internos e mediar as exigências culturais. Ao vivenciar as sensações da ligação com o Todo e experimentar o autoerotismo na fase anal, o corpo reconheceria a divisão que separa a subjetividade interior das demandas objetivas impostas pela cultura. A tarefa do narcisismo sublimador seria, então, a da ética do desejo, de conseguir criativamente equalizar as demandas mais internas com as possibilidades apresentadas na realidade.

Dessa maneira, procuramos evidenciar como a proposta teórica de Lou Andreas-Salomé é relevante para a psicanálise. Não só por resgatar hipóteses que haviam sido deixadas de lado, mas por apresentar novas possibilidades para pensar a positividade do narcisismo. A leitura que ela fez do fenômeno atravessou a feminilidade, a ética e a criatividade, situando o conceito como central para a compreensão do psiquismo. A nova forma de compreender a sublimação, mantendo o caráter sexual dela, também pode ser compreendida como menos repressiva em relação ao corpo. Ao longo de seus textos, a autora buscou uma forma de conseguir se realizar na vida cultural, sem precisar renunciar ao seu “verdadeiro narcisismo”. Essa, inclusive, seria uma possibilidade para diminuir o sofrimento neurótico das mulheres, pois, ao alcançarem os registros da experiência de totalidade, elas conseguiriam produzir artisticamente e dar outro contorno para sua existência.

Referências

- ANDREAS-SALOMÉ, L. *The Freud's Journal of Lou Andreas-Salomé*. New York: Basic Books, INC, 1921/1964.
- ANDREAS-SALOMÉ, L.; FREUD, S. *Freud - Lou Andreas-Salomé: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1975.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. *Minha vida*. São Paulo: Brasiliense, 1933/1985.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. *Carta aberta à Freud*. São Paulo: Landy, 1931/2001.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. *Narcisismo como dupla direção*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 1921/2021.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. Anal e sexual. In: ANDREAS-SALOMÉ, L. *Sobre o tipo feminino e outros textos*. São Paulo: Blucher, 1915/2022. pp. 161-211.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. Psicosexualidade. In: ANDREAS-SALOMÉ, L. *Sobre o tipo feminino e outros textos*. São Paulo: Blucher, 1917/2022. pp. 211-261.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. *Sobre o tipo feminino e outros textos*. São Paulo: Blucher, 2022.
- ARMSTRONG, I. “Dear Professor”: Lou Andreas-Salomé and Freud – a not-quite love story. *Critical Quarterly*, v. 62, n. 2, p. 9-36, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/criq.12548>. Acesso em: [06/06/2022].
- ASTOR, D. *Lou Andreas-Salomé*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- BIALER, M. *Lou Andreas-Salomé: a poeta da psicanálise*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2023.
- BINET, A. *Le fétichisme dans l'amour*. 10. ed. Paris: Octave Doin, 1891.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Repressão e inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, n. 2, p. 201-216, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/cZhBBsN6B9cx6BQ78FqXcby/>. Acesso em: [10/08/2023].
- CAROPRESO, F. Estrutura conceitual e impasses teóricos em “Além do princípio do prazer”. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, v. 11, n. 2, p. 41-61, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/44480>. Acesso em: [12/06/2023].
- CASTRO, F. C. L. Nota introdutória. In: ANDREAS-SALOMÉ, L. *Narcisismo como dupla direção*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2021. pp. 9-23.
- CAVALLO, P. B. Lou Andreas-Salomé: On Woman and Psychoanalysis. In: MARSICO, G; TATEO, L. *Humanity in Psychology: The intellectual legacy of Pina Boggi Cavallo*. Switzerland: Springer, 2023. pp. 43-51.

CROMBERG, R. Prefácio. In: BIALER, M. *Lou Andreas-Salomé: a poeta da psicanálise*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2023. pp. 10-30.

ELLIS, H. The Concept of Narcissism. *The Psychoanalytic Review*, v. 14, n. 2, p. 129-152, 1927. Disponível em: https://archive.org/details/sim_pschoanalytic-review_1927-04_14_2/page/252/mode/2up?q=The+Conception+of+Narcissism+Havelock+Ellis. Acesso em: [11/12/2022].

ENDER, E. Lou Andreas-Salomé, Virginia Woolf and Annie Ernaux: Towards a feminist theory of narcissism. *Revista Canária de Estudos Ingleses*, s/v., n. 48, p. 15-29, 2004. Disponível em: <https://docplayer.net/30304402-Lou-andreas-salome-virginia-woolf-and-annie-ernaux-towards-a-feminist-theory-of-narcissism-elyne-ender-harvard-university.html>. Acesso em: [06/07/2023].

FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. *Freud - Lou Andreas-Salomé: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1950[1895]/1996. pp. 335-454.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”). In Freud, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 1911/2010a. pp. 14-132.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2010b. pp. 10-37.

FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1914/2013.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 1905/2016. pp. 13-155.

Freud, S. *Além do princípio do prazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 1920/2020.

GITAROFF, G. Lo anal y lo sexual, según Lou Andreas-Salomé: Una lectura desde nuestros días. *Rev. De Psicanálisis*, v. 65, n. 1, p. 69-92, 2008. Disponível em: <http://apa.opac.ar/greenstone/collect/revapa/index/assoc/20086501/p0069.dir/REVAPA20086501p0069Gitaroff.pdf>. Acesso em: [12/03/2023].

GUIMARÃES, L. M. *Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-14022013-104450/pt-br.php>. Acesso em: [09/06/2022].

- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- LEITE, N. Lendo Lou Andreas-Salomé com Hélène Cixous. In: ANDREAS-SALOMÉ, L. *Sobre o tipo feminino e outros textos*. São Paulo: Blucher, 2022. pp. 261-287.
- LEITE, S. O inominável e a transitoriedade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 1, 11–19, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/GP8Fb4JvM6FdzzP4hLhJmmf/>. Acesso em: [06/11/2022].
- LICHTENBERG, J. D. Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society, Volume IV: 1912-1918. Edited by H. Nunberg & E. Federn. Translated by M. Nunberg. New York: International Universities Press. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 24, n. 3, p. 689-696, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000306517602400313>. Acesso em: [11/03/2022].
- LIVINGSTONE, A. *Salomé: Her Life and Work*. New York: Moyer Bell LTD, 1984.
- LORENZONI, A. M. Reflexões sobre o feminino a partir de Lou Andreas-Salomé. *Barricadas: Revista De Filosofia E Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/barricadas/article/view/15611>. Acesso em: [14/10/2023].
- MARKOTIC, L. There Where Primary Narcissism Was, I Must Become: The Inception of the Ego in Andreas-Salome, Lacan, and Kristeva. *American Imago*, v. 58, n. 4, p. 813-836, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26304732>. Acesso em: [10/10/2023].
- OLIVEIRA, L. E. P. *Anos loucos: História da psicanálise às margens dos anos 1920*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- PARDO, P. G. *Vida y obra de Lou Andreas Salome: uma aportación al estudio psicoanalítico de la feminidad*. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2009. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/2e25cfb2-96f2-4ada-91b5-c4ed32fdc4ed>. Acesso em: [15/11/2022].
- PECHOTA, C. Lou Andreas-Salomé: Pioneira da modernidade. In: ANDREAS-SALOMÉ, L. *Sobre o tipo feminino e outros textos*. São Paulo: Blucher, 2022. pp. 9-59.
- PEREIRA, L. M. B. *O diálogo Freud – Lou Andreas-Salomé sobre feminilidade e o erotismo*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/970275>. Acesso em: [12/11/2022].
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SCHREBER, P. *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Todavia, 1903/2022.
- SCHULTZ, K. In defense of Narcissus: Lou Andreas-Salomé and Julia Kristeva. *The German Quarterly*, v. 68, n. 2, p. 185-195, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/408406>. Acesso em: [10/11/2022].

SIMANKE, R. T. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. Considerações preliminares acerca de um método histórico conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In: FULGENCIO, L.; BIRMAN, J.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E. L. (Orgs.). *Modalidade de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018. pp. 11-28.

STRACHEY, J. Nota Introdutória. In: Freud, S. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. XIII-XIX.

UBINHA, P. T.; CASSORLA, R. M. S. Narciso: polimorfismo das versões e das interpretações psicanalíticas do mito. *Estudos De Psicologia (campinas)*, v. 20, n. 3, p. 69-81, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2003000300006>. Acesso em: [12/03/2022].

WANG, B. Memory, Narcissism, and Sublimation: Reading Lou Andreas-Salomé's "Freud Journal". *American Imago*, v. 57, n. 2, p. 215-234, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26304587>. Acesso em: [08/09/2023].